



ACADEMIA MILITAR

**O contributo das operações psicológicas em apoio às forças
presentes no teatro de operações do Afeganistão.**

**Carlos Manuel Ramos da Silva Raínho
Aspirante Oficial Aluno
Infantaria**

Orientador: Major de Infantaria Rui Jorge Roma Pais dos Santos

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, agosto de 2012**



ACADEMIA MILITAR

**O contributo das operações psicológicas em apoio às forças
presentes no teatro de operações do Afeganistão.**

**Carlos Manuel Ramos da Silva Raínho
Aspirante Oficial Aluno
Infantaria**

Orientador: Major de Infantaria Rui Jorge Roma Pais dos Santos

**Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada
Lisboa, agosto de 2012**

Dedicatória

À minha família, pelo apoio incondicional ao longo desta caminhada.
À minha namorada, pelo tempo que não lhe dediquei nesta reta final.

Agradecimentos

Agradeço ao Major Rui Jorge Roma Pais dos Santos, pelo exemplo que representa e como referência para o futuro, e pelo tempo que despendeu comigo, na qualidade de orientador.

Agradeço ao Major António Cordeiro de Menezes, por ter abraçado esta iniciativa logo de início, mas que lhe foi impossível continuar por motivos profissionais.

Agradeço à Academia Militar, por ser uma instituição de referência no seio da comunidade castrense, pelos valores que me ensinou e que serviram de linhas guias na minha conduta como militar.

Agradeço ao Capitão Gilberto Pires Lopes, pelo contributo que deu para este trabalho, com o seu testemunho.

Agradeço ao Capitão Pedro Pires Ferreira, pela sua disponibilidade para dar o seu contributo na realização do seu trabalho.

Agradeço ao Capitão Hugo Silva Rodrigues, que mesmo de férias, não se importou de dar o seu contributo na realização deste trabalho.

Agradeço ao Capitão Nuno Duarte Salvado, por prontamente ter dado o seu contributo para este trabalho.

Agradeço ao Capitão Artur Mesquita, que mesmo estando fora de território nacional deu o seu contributo para este trabalho, demonstrando uma entusiástica prontidão para tal e abdicando do seu precioso tempo.

“Só existem dois poderes no mundo, a espada e a mente. Inevitavelmente a espada foi derrotada pela mente.”

NAPOLÉÃO BONAPARTE

Resumo

O presente Trabalho de Investigação Aplicada, enquadra-se na temática das Operações Psicológicas no qual é apresentado o tema, “O contributo das operações psicológicas em apoio às forças presentes no teatro de operações do Afeganistão”.

Este trabalho tem, como objetivo principal demonstrar, de que forma é que as Operações Psicológicas têm contribuído, no cumprimento da missão por parte da *International Security Assistance Force* no Afeganistão.

Para tal, este trabalho encontra-se dividido em duas partes. Na primeira parte, é realizado um enquadramento teórico, no qual se pretende produzir uma descrição acerca das Operações Psicológicas, do Afeganistão, e da *Internacional Security Assistance Force*. Na segunda parte, surge então o Trabalho de Campo, no qual através de entrevistas, a Oficiais do Exército Português que desempenharam funções, no âmbito das Operações Psicológicas no Afeganistão, procurámos verificar, quais é que têm sido as suas limitações, e, de que forma têm contribuído as Operações Psicológicas, no cumprimento da missão da *International Security Assistance Force*.

Relativamente à metodologia, utilizada na elaboração do trabalho, foi utilizada a análise de artigos científicos e de documentos oficiais que se dirigiam à temática, de modo a realizar um enquadramento conceptual. Foram realizadas também entrevistas por forma a obter dados importantes, para que conseguíssemos elaborar as nossas conclusões.

Com o aproximar do final, deste trabalho, começamos a verificar que as Operações Psicológicas, são uma ótima ferramenta que o comandante tem ao seu dispor, para fazer face às adversidades dos atuais teatros de operações, concluindo ainda que estas têm contribuído, através do desempenho da sua função no Teatro de Operações do Afeganistão.

Palavras-chave: Operações Psicológicas; Afeganistão; ISAF; NATO; Sada-E Azadi

Abstract

This Applied Research Work, falls within the thematic of Psychological Operations in which is shown the theme "The contribution of psychological operations in support of forces present in the theater of operations of Afghanistan."

This work has as their main objectives demonstrate how the Psychological Operations have contributed, in fulfilling the mission from the International Security Assistance Force in Afghanistan.

For this purpose, this work is divided into two parts. In the first part, we conducted a theoretical framework in which it seeks to produce a description about the Psychological Operations of Afghanistan and the International Security Assistance Force. In the second part, then there is the Field Work, in which through interviews to Portuguese Army Officers who played duties within the scope of Psychological Operations in Afghanistan, we tried to verify, which have been their limitations, and, how have contributed the Psychological Operations within the International Security Assistance Force.

Regarding the methodology of the study, we used the analysis of scientific articles, and official documents that went to the subject, in order to achieve a good conceptual framework. Interviews were also conducted in order to gather more important data, so that we could proceed to our conclusions.

With the approach of end of this work, we begin to see that the Psychological Operations are a great tool that the commander has at its disposal to tackle the adversities of the current theaters of operations, concluding that they still have contributed and played their role in Afghanistan.

Key Words: Psychological Operations, Afghanistan, ISAF, NATO, Sada-E Azadi

Índice

Dedicatória.....	ii
Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract.....	vi
Índice	vii
Índice de Figuras	xi
Índice de gráficos.....	xii
Índice de Quadros	xiii
Lista de Apêndices e Anexos.....	xiv
Lista de Siglas, abreviaturas, acrónimos	xv
 Capítulo 1 Introdução	1
1.1 Introdução.....	1
1.2 Enquadramento e Justificação do tema	1
1.3 Questões de investigação	2
1.4 Metodologia	3
1.5 Estrutura do trabalho e síntese dos capítulos	3
 Capítulo 2 Revisão de Literatura	5
2.1 O que são as PSYOPS	5
2.2 As PSYOPS ao longo do tempo	8
2.2.1 Os Objetivos das PSYOPS	10
2.2.2 Operações que Apoiam.....	12
2.2.3 Limitações das PSYOPS.....	14
2.3 A Caracterização do TO: Afeganistão	17

2.3.1 Caracterização Geográfica.....	17
2.3.2 Caracterização Demográfica.....	18
2.3.3 Caracterização Política	19
2.4 A Estrutura da ISAF	19
2.4.1 A Estrutura PSYOPS da ISAF	21
2.5 A Evolução da Missão da ISAF assim como das PSYOPS desenvolvidas no Afeganistão	23
2.5.1 O Evoluir da Missão da ISAF (2004-2012).....	23
Capítulo 3 Metodologia e procedimentos	31
3.1 Introdução	31
3.2 Método de Abordagem ao problema	31
3.3 Procedimentos e Técnicas.....	32
3.4 Entrevistas.....	33
3.4.1 Caracterização da Amostra	34
3.5 Meios Utilizados	35
3.6 Síntese Conclusiva.....	35
Capítulo 4 Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados	37
4.1 Introdução.....	37
4.2 Apresentação dos Resultados	37
4.2.1 Contribuição Portuguesa no CJPOTF da ISAF	37
4.2.2 Evolução da Estrutura do CJPOTF da ISAF	37
4.2.3 Prioridades das PSYOPS da ISAF	38
4.2.4 Atividades desenvolvidas pelas PSYOPS	39
4.2.5 Meios do CJPOTF de apoio à ISAF	39
4.2.6 Campanhas PSYOPS em que participaram os oficiais portugueses.....	40

4.2.7 As limitações das PSYOPS no Afeganistão	40
4.2.8 O estado final pretendido pela ISAF	41
4.2.9 O contributo das PSYOPS na missão da ISAF	42
4.3 Análise e Discussão dos Resultados	43
4.3.1 O contributo português no CJPOTF da ISAF, e a mudança de dependência do CJPOTF	43
4.3.2 Quais têm sido as prioridades das PSYOPS no Afeganistão	44
4.3.3 Atividades do quotidiano do CJPOTF	45
4.3.4 Meios do CJPOTF para auxílio da ISAF	46
4.3.5 O que fizeram as PSYOPS no Afeganistão e qual o estado final pretendido pela ISAF	46
4.3.6 O que as PSYOPS poderiam ter feito e como têm contribuído para a missão da ISAF	48
Capítulo 5 Conclusões	50
Recomendações e propostas de investigação subsequente	53
Capítulo 6 Bibliografia.....	54
Apêndices.....	AP A-1
Apêndice A – Guião de Entrevista	AP A-1
Apêndice B – Quadro Resumo da Entrevista ao Major Pais dos Santos	AP B-1
Apêndice C – Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Silva Rodrigues	AP C-1
Apêndice D – Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Pires Ferreira	AP D-1
Apêndice E – Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Duarte Salvado	AP E-1

Apêndice F – Quadro Resumo da Entrevista	
ao Capitão Pires Lopes	AP F-1
Apêndice G – Quadro Resumo da Entrevista	
ao Capitão Artur Mesquita.....	AP G-1
Apêndice H – Atividades Desempenhadas Pelo TAA e PDC	AP H-1
Anexos.....	A-1
Anexo A – Subdivisão Política do Afeganistão	A-1
Anexo B – Organograma da ISAF e do IJC	B-1
Anexo C – Organograma CJPOTF (NATO)	C-1
Anexo D – Organograma CJPOTF da ISAF	D-1
Anexo E – Diagrama de Transmissões da Rádio Sada-e Azadi	E-1
Anexo F – Relation Building Items	F-1

Índice de Figuras

Figura nº 1- Atividades desempenhadas pelo TAA e PDC do CJPOTF	AP H-1
Figura nº 2 - Subdivisão Política do Afeganistão	A-1
Figura nº 3 - Organograma de Comando e Controlo da ISAF	B-1
Figura nº 4 - Organograma do IJC da ISAF	B-2
Figura nº 5 - Organograma CJOPTF (NATO)	C-1
Figura nº 6 - Organograma do CJPOTF da ISAF	D-1
Figura nº 7 - Diagrama de Transmissões da Rádio Sada-e Azadi	E-1
Figura nº 8 - Exemplos de Relation Building Items	F-1

Índice de gráficos

Gráfico nº 1 - Funções dos oficiais portugueses no CJPOTF da ISAF	37
Gráfico nº 2 - Dados obtidos relativamente à orgânica da ISAF	38
Gráfico nº 3 - Prioridades da Missão PSYOPS da ISAF	38
Gráfico nº 4 - Tarefas desenvolvidas pelos entrevistados no CJPOTF da ISAF	39
Gráfico nº 5 - Meios disponíveis para apoiar a missão da ISAF	39
Gráfico nº 6 - Campanhas PSYOPS desenvolvidas pelo CJPOTF da ISAF	40
Gráfico nº 7 - Limitações das PSYOPS no Afeganistão	41
Gráfico nº 8 - Estado final pretendido para a missão da ISAF	42
Gráfico nº 9 - Contributo das PSYOPS do CJPOTF da ISAF	42

Índice de Quadros

Quadro nº 1 - Caracterização da Amostra	35
Quadro nº 2 - Resumo da Entrevista ao Major Pais dos Santos	AP B-1
Quadro nº 3 - Resumo da Entrevista ao Capitão Silva Rodrigues.....	AP C-1
Quadro nº 4 - Resumo da Entrevista ao Capitão Pires Ferreira.....	AP D-1
Quadro nº 5 - Resumo da Entrevista ao Capitão Duarte Salvado.....	AP E-1
Quadro nº 6 - Resumo da Entrevista ao Capitão Pires Lopes.....	AP F-1
Quadro nº 7 - Resumo da Entrevista ao Capitão Artur Mesquita.....	AP G-1

Lista de Apêndices e Anexos

Apêndice A	Guião de Entrevista
Apêndice B	Quadro Resumo da Entrevista ao Major Pais dos Santos
Apêndice C	Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Silva Rodrigues
Apêndice D	Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Pires Ferreira
Apêndice E	Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Duarte Salvado
Apêndice F	Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Pires Lopes
Apêndice G	Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Artur Mesquita
Apêndice H	Atividades Desempenhadas Pelo TAA e PDC
Anexo A	Subdivisão Política do Afeganistão
Anexo B	Organograma da ISAF e do IJC
Anexo C	Organograma CJOTF (NATO)
Anexo D	Organograma CJOTF da ISAF
Anexo E	Diagrama de Transmissões da Rádio Sada-e Azadi
Anexo F	Relation Building Items

Lista de Siglas, abreviaturas, acrónimos

a.C	Antes de Cristo
AA	Audiência Alvo
ADZ	Afghanistan Development Zones
AM	Academia Militar
ANA	Afghanistan National Army
ANP	Afghanistan National Police
ANSF	Afghanistan National Security Forces
ATA	Autoridade de Transição no Afeganistão
BrigRR	Brigada de Reação Rápida
CAC	Combined Arms Center
CECA	Comissão para o Estudo das Campanhas de África
CFT	Cross Functional Team
CIMIC	Cooperação Cívico-Militar
CJPOTF	Combined Joint PSYOPS Task Force
COMISAF	Commander of ISAF
CSMIE	Centro de Segurança Militar e Informações do Exército
EPA	Escola Prática de Artilharia
EPI	Escola Prática de Infantaria
ETP	Escola de Tropas Paraquedistas
EUA	Estados Unidos da América
FA	Forças Armadas
FDD	Focused District Development
FMT	Forward Media Team
FND	Força Nacional Destacada
HQ	Head-Quarters
IED	Improved Explosive Device
IESM	Instituto de Estudos Superiores Militares
IJC	ISAF Joint Command
IO	Information Operations
ISAF	International Security Assistance Force

JAG	Judge Advocate General
JOA	Joint Operations Area
LOAC	Laws of Armed Conflicts
NATO	North Atlantic Treaty Organisation
NEP	Norma de Execução Permanente
NF	Nossas Forças
NTM-A	NATO Training Mission Afghanistan
OEF-AFG	Operation Enduring Freedom - Afghanistan
OMLT	Operational Mentor and Liaison Teams
ONG	Organização não-governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
P2P	Person to Person
PDC	Product Distribution Center
PRT	Provincial Reconstruction Team
PSE	PSYOPS Support Element
PSYOPS	Operações Psicológicas
RBI	Relation Building Items
ROE	Rules of Engagement
TAA	Target Audience Analysis
TES	Test & Evaluation Section
TIA	Trabalho de investigação Aplicada
TO	Teatro de Operações
TPT	Tactical PSYOPS Team
UALE	Unidade de Aviação Ligeira do Exército
UNSC	United Nations Security Council
UNSCR	United Nations Security Council Resolution
USCENTCOM	United States Central Command
USCINCCENT	Commander in Chief, United States Central Command

Capítulo 1

Introdução

1.1 Introdução

No âmbito da estrutura curricular da Academia Militar (AM), e com a sua franca aproximação dos seus planos curriculares aos princípios e às normas da Declaração de Bolonha, foi necessário efetuar uma ampla reestruturação dos cursos. Uma das alterações decorrentes da aceitação da Declaração de Bolonha foi a passagem da Licenciatura em Ciências Militares, para Mestrado Integrado em Ciências Militares. Como tal, para que a obtenção do grau de mestre fique concluída, surge assim o Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), subordinado ao tema “O contributo das operações psicológicas em apoio às forças presentes no teatro operações do Afeganistão”. O principal objetivo do TIA é demonstrar que o método científico é aplicável numa investigação que se relacione com o curso por nós frequentado.

Este capítulo inicia-se como um breve enquadramento e a respetiva justificação do tema, *a posteriori* serão apresentadas as questões da investigação e os respetivos objetivos deste trabalho. Por último, faremos uma breve abordagem à metodologia, finalizando com uma breve síntese acerca da estrutura dos capítulos.

1.2 Enquadramento e Justificação do tema

As operações psicológicas (PSYOPS) têm sido um fator multiplicador do potencial de combate nas operações militares, ao longo da História.

Sun Tzu (Tzu, 2009/séc IV a.C) refere que “obter uma centena de vitórias numa centena de batalhas não é o cúmulo da habilidade. Dominar o inimigo sem o combater, sim, é o cúmulo da habilidade”. A realidade atual, tem demonstrado, a necessidade destas operações. O contacto com populações civis, o escrutínio dos *media* nacionais e internacionais e a intolerância ocidental às baixas nas operações militares de resposta à crise têm sido as linhas orientadoras que mantêm a perenidade na ideia da conquista do coração e das mentes.

Como tal, sendo que nós vamos investigar o contributo das PSYOPS no Afeganistão, vamos definir como limitações ao estudo, três parâmetros: âmbito, geográfico e temporal. A nível de âmbito consideramos como âmbito limitador, as

forças da *International Security Assistance Force* (ISAF), devido ao seu caráter multinacional, estando o comando desta sobre a égide da NATO da qual Portugal é membro. A nível geográfico será o Afeganistão, tendo em conta que a célula de PSYOPS da ISAF atua sobre todo o Teatro de Operações (TO) afegão. A nível temporal, vamos limitar o estudo desde a tomada de posse do atual presidente do Governo afegão *Hamid Karzai* eleito em 2004, e reeleito em 2009 até à atualidade, 2012. Vamos considerar este espaço temporal, porque é a partir desta data (2004), que o Governo Afegão começa a assumir a autoridade no país e quando as forças da ISAF começam a delegar responsabilidade nas autoridades locais.

Deste modo, e porque Portugal adquiriu, no seu exército, competências no âmbito das operações psicológicas, ao longo da guerra ultramarina, 1961-1974, parece-nos adequado estudar esta tipologia de operações, numa época em que a tecnologia nos surge como um dos fatores preponderantes nos campos de batalha, mas onde o fator humano, ainda é o fator com maior relevo nele.

1.3 Questões de investigação

Vista a complexidade e abrangência desta temática, propomo-nos a analisar o contributo das PSYOPS, no quadro das operações da ISAF, e identificar quais os constrangimentos às operações psicológicas conduzidas no TO do Afeganistão.

Para tal vamos propomo-nos a dar resposta à seguinte questão central:

QC-Qual o contributo das PSYOPS para o esforço das Operações no Afeganistão?

Com vista a obter a resposta à questão central, surgem-nos então outras questões, às quais tentamos dar resposta. A estas designamos de questões derivadas e são as seguintes:

QD1- O que são, quais os objetivos e quais as atividades desenvolvidas pelas PSYOPS?

QD2-Como se enquadram as PSYOPS na ISAF?

QD3- Como contribuíram, as PSYOPS, no cumprimento da missão da ISAF, no período de 2004 a 2012?

QD4-O que podiam ter feito as PSYOPS no período 2004-2012?

QD5-Quais as limitações das PSYOPS?

1.4 Metodologia

Como linha condutora da nossa investigação, utilizamos o *Manual de Investigação em Ciências Sociais* de Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt (2008), o *Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada* de Manuela Sarmiento (2008) e o Anexo F à Norma de Execução Permanente (NEP) 520/DE/ 30JUN11.

Para darmos resposta às questões derivadas, supra mencionadas, tendo em conta que devemos aplicar um método de investigação científica, utilizamos o método dedutivo (Sarmiento, 2008, p. 5). Partindo de um raciocínio geral, fomos conduzindo a nossa investigação até ao raciocínio mais particular. Este método de investigação científica tem como base de partida duas matérias distintas, as PSYOPS e o Afeganistão, e pretendemos a partir destas duas extrair uma terceira que, vulgarmente, é denominada por Conclusão. Sarmiento (2008, p. 6) conclui dizendo-nos que “a dedução não gera conhecimentos novos, uma vez que a conclusão é sempre um caso particular da lei geral”.

Com a intenção de iniciar o trabalho com ímpeto, iniciamos então a nossa pesquisa bibliográfica na biblioteca da AM, na biblioteca do Instituto de Estudos Superiores Militares (IESM) e na Biblioteca Municipal de Leiria. Complementada com entrevistas informais com alguns oficiais, do IESM, da AM e da Brigada de Reação Rápida (BrigRR), que detêm conhecimentos relativos a esta temática, permitindo-nos, então, dar início à nossa investigação, já com um conhecimento mais claro e fatural em relação à temática das PSYOPS no Afeganistão.

No que diz respeito ao modelo de abordagem ao problema, procedimentos e técnicas, será explicado mais à frente num capítulo reservado, exclusivamente, para explicação da metodologia.

O TIA foi redigido segundo o novo Acordo Ortográfico, de janeiro de 2009.

1.5 Estrutura do trabalho e síntese dos capítulos

Este TIA compreende seis capítulos. No Capítulo 1, introdução, é feita uma primeira apresentação do tema, expomos de seguida o enquadramento e a justificação do tema por nós escolhido, depois é feita uma passagem sumária pela metodologia

utilizada no processo de investigação, concluindo com a apresentação da estrutura e síntese dos capítulos.

Surge então o Capítulo 2, no qual é feita uma abordagem às PSYOPS, onde são demonstrados exemplos onde esta esteve presente ao longo do tempo, a sua definição, quais os seus objetivos gerais, o seu contributo para as operações militares e com quais atividades militares é que se relacionam mais, concluindo a abordagem a esta temática com as suas limitações. Após isto efetuamos a caracterização do TO ao qual se refere o trabalho, caracterizamos a força militar na qual nos apoiamos para esta investigação assim como a sua evolução desde 2004 até 2012

Findo o Capítulo 2, surge o Capítulo 3 no qual é feita uma abordagem mais específica da metodologia utilizada na elaboração deste trabalho, desde o método de abordagem ao problema, procedimentos e técnicas, passando pelos meios utilizados para o desenvolvimento do trabalho terminando com uma breve síntese conclusiva.

Chegado ao Capítulo 4, são então apresentados os resultados da nossa investigação e a sua respetiva discussão.

No Capítulo 5 conclusões e recomendações, tal como o nome indica, irão ser apresentadas as conclusões, algumas recomendações para investigações futuras e quais as limitações encontradas no decorrer da realização do trabalho.

Concluimos então com a apresentação da bibliografia utilizada na investigação, naquele que é o Capítulo 6.

Capítulo 2

Revisão de Literatura

2.1 O que são as PSYOPS

Linebarger (1947, p. 25) diz-nos que, a Guerra Psicológica, no quadro do senso comum, consiste no emprego das partes da psicologia como ciência através da conduta da guerra. “Num sentido estrito”, a guerra psicológica compreende o uso de propaganda¹ contra o inimigo, em conjunto com outras ações militares de forma a completar a propaganda.

“Porque é que combatemos mais e mais, ali e não aqui, agora e não depois? A resposta é simples, estamos a lutar contra Homens. O motivo pelo qual nós combatemos é, com o intuito, de mudar as ideias dos nossos adversários”² (Linebarger, 1947, p. 29). Para explicar este fenómeno, Linebarger (1947, p. 37) continua dizendo, que a Guerra Psicológica visa ganhar objetivos militares sem o uso da força militar. Afirmando também, que em alguns períodos da História a guerra psicológica foi considerada pouco cavalheiresca³.

Por sua vez, Jones e Mathews (1995, p. 28), não discordando com Linebarger, afirmam que “as operações psicológicas são um instrumento multifacetado do poder nacional, com capacidade para dissuadir qualquer adversário e para levar as mais variadas audiências no exterior a apoiar os objetivos dos Estados Unidos”⁴. Afirmando também que, esta tipologia de operações deveria de ser integrada no planeamento ao mais alto nível, desde o início. Referindo ainda que, em tempo de paz se deviam fundir, com a diplomacia, as relações públicas, e outras ferramentas políticas. Jones e Mathews (1995, p. 33) continuam, dizendo que “as PSYOPS são um multiplicador da força, que produz grandes resultados através de pouco investimento. Trabalhando de forma conjunta ou combinada,

¹ “Trata-se de persuasão deliberada de pessoa (s) através do uso de informação seletiva, e ao contrário das relações públicas não visam o esclarecimento da opinião pública e das nossas forças (NF), mas sim a imposição a estas de certas ideias e doutrinas” (Exército Português, 2009, p. 69).

² Tradução livre da responsabilidade do autor.

³ O autor considera como exemplo o ano de 1920 onde a empresa Soviética demonstrou alguma falta de agrado, relativamente às operações que os Britânicos andavam a desempenhar na fronteira Noroeste da Índia, onde através de altifalantes diziam aos tribais Pushtu, que deus estava zangado com eles, porque eles tinham quebrado um acordo de paz, o que fez com que eles desistissem. Enquanto os Soviéticos, realizavam o mesmo tipo de operações mas com o intuito de intimidar a tribo dos Pamirs.

⁴ Tradução livre da responsabilidade do autor.

as PSYOPS, conseguem apoiar operações convencionais, não convencionais e forças de coligação”⁵.

Bowdish (1998-1999, p. 30) apresenta um artigo onde refere que a era da informação⁶ terá bastante importância no desenvolvimento das PSYOPS apoiando-se em três pontos-chave de desenvolvimento: o desenvolvimento tecnológico capaz de criar novas redes de expansão; o crescimento da capacidade de cobertura dos meios de comunicação social; e, por último, os avanços das Ciências Sociais que permitem o melhor entendimento dos comportamentos humanos. Neste artigo, Jones (1998-1999, p. 32) refere também que a importância das Ciências Sociais no âmbito das PSYOPS. Visto que estas, têm como objetivo apreender mais acerca do comportamento humano. Irá ser óbvio, considera Bowdish (1998-1999, p. 33), que os militares, responsáveis pelas PSYOPS, tenham de possuir conhecimento e tratar com respeito os avanços das Ciências Sociais. É essencial possuir conhecimento na área das Ciências Sociais, para que a força, possa efetuar PSYOPS ofensivas e contra - PSYOPS eficazes.

Bowdish (1998-1999, p. 34) conclui então, que as PSYOPS devem de estar em contacto permanente com os avanços das Ciências Sociais, porque “as Ciências Sociais podem garantir um profundo conhecimento dos fatores que influenciam o comportamento humano e a dinâmica dos meios de comunicação social e a sua interação com a sociedade” .

Seguindo o pensamento de Bowdish, Long (1999, p. 6) diz que as “PSYOPS são uma arma respeitada por qualquer comando, sendo conhecidas pela sua capacidade de conseguir alterar as mentes dos adversários ao invés de os destruir”⁷, referindo ainda, que, as PSYOPS são não cinéticas; mas que mesmo assim são uma das armas mais preciosas ao dispor do comandante. Trabalham na transformação de ideias, não na destruição de alvos, como a restante tipologia de operações. E citando algumas opiniões de militares reservistas, diz que “As PSYOPS ajudam a vencer a Guerra mesmo antes de a batalha começar”.

Não discordando dos autores anteriormente citados, Sammons (2004, p. 3) diz que, se as PSYOPS forem bem aplicadas, estas conseguem reduzir a eficiência das forças inimigas e podem criar divergências e desafeto entre os seus militares. Sammons (2004, p. 3) refere-se também às linhas de distinção entre os diferentes níveis de PSYOPS, sendo eles o nível tático, o nível operacional e o nível estratégico, dizendo que as linhas que

⁵ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁶ Segundo Filho (2001, p. 1), será considerado o século XX, devido aos avanços tecnológicos da época em questão.

⁷ Tradução livre da responsabilidade do autor.

separam estes três níveis continuam muito confusas devido a ações efetuadas ao nível tático⁸, podendo originar repercussões ao nível estratégico.

Sem contrariar os autores anteriormente citados Boyd (2007, p. 67) mostra que é uma temática que ao longo dos anos tem vindo a ser confundida com Operações de Informação⁹ (IO), para o justificar, afirma que:

“O estado-maior das IO do exército deve só planear, organizar, e dirigir a forma como as PSYOPS podem criar efeitos psicológicos contra um inimigo ou uma população alvo desconhecida, tarefa que outrora era realizada pelo chefe de estado-maior das PSYOPS ou apoiado pelas unidades táticas de PSYOPS” (Boyd, 2007, p. 67).

E continua, dizendo que “as IO do exército podem vir a ser uma extensão das PSYOPS e provavelmente dos Assuntos Cívicos” (Boyd, 2007, p. 67).

Através da revisão que fez o Centro de Armas Combinadas do Exército dos EUA (CAC), acerca da temática das IO, Boyd (2007, p. 67) afirma que “o conceito de IO é praticamente o mesmo das PSYOPS, pelo menos aos escalões táticos”. Boyd (2007 p.69) afirma ainda que “o termo de IO é erradamente utilizado para descrever atividades que são descritas, na doutrina, como operações de PSYOPS”, e apresenta como exemplo o livro *Plan of Attack*, de Bob Woodward, onde este apresenta o caso em que “o na altura, Secretário da Defesa, Donald Rumsfeld, se refere repetidamente às PSYOPS como IO enquanto descrevia as ações de largada de folhetos e da transmissão de mensagens por altifalantes como armas contra Saddam e seus apoiantes”.

Em suma Boyd (2007, p. 74) diz-nos que os termos PSYOPS e IO devem de ser revistos, para “garantir que as PSYOPS, estejam na sua capacidade máxima a nível estrutural, cultural, organizacional, e institucional para que possam ser um grande multiplicador de combate e em tempo de paz”.

Após a análise do que alguns autores escreveram relativamente às PSYOPS, podemos dizer que as PSYOPS, são uma atividade operacional que visa a alteração da percepção, de alguém previamente selecionado por nós. A forma como ocorre esta influência nas percepções poderá ser potenciada com o auxílio das IO, dos Assuntos Cívicos e até mesmo pelas Ciências Sociais.

⁸ O termo cabo estratégico, segundo Krulak (1999, p. 50) refere-se as ações que são levadas a cabo no nível tático podem afetar toda uma operação ao nível estratégico.

⁹ Segundo o Exército Português (2009, p. 7) As INFO OPS são definidas como uma função militar, de aconselhamento e coordenação das atividades de informação militar, de modo a criar os efeitos desejados na vontade, compreensão e capacidades C2 de adversários, potenciais adversários ou outras partes aprovadas, em apoio dos objetivos político-militares definidos.

Contudo, não nos podemos esquecer que, a definição de PSYOPS já se encontra escrita em publicações doutrinárias, quer dos exércitos de vários países, quer das Organizações Internacionais a que estes pertencem.

Assim sendo, para esta investigação, vamos escolher a definição de PSYOPS da NATO, visto que é uma Organização Internacional da qual Portugal é membro, e porque as definições de PSYOPS dos outros países membros, se apoiam na da NATO. Consideramos que, se designam por: “Operações Psicológicas (PSYOPS) as atividades psicológicas planeadas, que utilizam métodos de comunicação e outros meios, dirigidas a Audiências Alvo aprovadas, destinadas a influenciar as suas percepções, atitudes e comportamentos, que contribuam para a realização de objectivos políticos e militares” (NATO, 2007).

2.2 As PSYOPS ao longo do tempo

Há mais de dois mil anos, Sun Tzu (Tzu, 2009/séc IV a.C, p.77) disse que “obter uma centena de vitórias numa centena de batalhas não é o cúmulo da habilidade. Dominar o inimigo sem o combater, sim, é o cúmulo da habilidade”. Diz-nos, também, que “é de extrema importância, na guerra, atacar os planos do inimigo; depois destruir as suas alianças; depois atacar o seu exército no campo de batalha; a pior ação é atacar as suas cidades” (Tzu, 2009/séc IV a.C, p. 78). Sun Tzu, (2009/séc IV a.C, p. 155) também salienta que a influência de comportamentos é um dos principais fatores que influenciam a guerra, porque “considera os teus soldados como teus filhos, e eles seguir-te-ão até aos vales mais profundos; cuida deles como dos teus filhos queridos, e eles permanecerão a teu lado até á morte”. Ou seja, Sun Tzu dá não só importância à derrota do inimigo através do domínio da sua mente, mas também se refere à mente dos que nos apoiam. Com isto podemos considerar Sun Tzu, como o primeiro “Comandante do Psicológico” de todos os tempos, após isto começa então a surgir nas guerras a necessidade de conquistar os corações e as mentes dos adversários, aquilo que modernamente se designa por Operações Psicológicas.

Mas após Sun Tzu, como nos diz Rouset (2005), Alexandre o Grande¹⁰, quando se apercebeu de que as suas tropas estavam bastante dispersas à medida que avançara no

¹⁰ Nasceu a 20 de julho de 356 a.C., em Pela, e morreu em 10 de junho de 323 a.C., na Babilônia. A sua carreira é sobejamente conhecida: conquistou um império que ia dos Balcãs à Índia, incluindo também o Egito e a Bactria, perto do Afeganistão (Marcus, 2003).

terreno, decidiu recuar para reagrupar, mas esta ação podia levar a uma perseguição, por parte do inimigo, e conseqüentemente à destruição das suas forças.

Então, Alexandre o Grande disse aos homens responsáveis pelo fabrico de armaduras, para fazerem armaduras que dessem para equipar gigantes. À noite, quando retiraram, deixaram essas armaduras para trás, de manhã quando os inimigos que os perseguiam viram aquelas armaduras, ficaram a pensar que estiveram perto de enfrentar gigantes, e após as histórias que tinham ouvido das barbaridades dos Homens de Alexandre o Grande, decidiram então não persegui-los (Rouset, 2005).

Rouset (2005), apresenta também o exemplo do famoso imperador Mongol, Genghis Khan, que foi conhecido por liderar um grupo enorme de homens selvagens montados a cavalo, atravessando toda a Rússia para chegar à Europa. A imagem de bárbaros que os Mongóis tinham, derivava do uso de homens para interceptar os mensageiros inimigos, para que os comandantes inimigos não pudessem comunicar entre eles, também grande parte desta fama de selvagens foi passada, através de comunicação cara a cara, por Ghengis Khan, aos líderes adversários (Rouset, 2005).

Segundo Paddock (2010, p.1), as PSYOPS têm vindo a ser empregues desde a Guerra do Vietname. Anteriormente a isso, na 2ª Grande Guerra Mundial e na Coreia esta tipologia de operações era designada de Guerra Psicológica. Por outras palavras, o termo “Psicológico” passou a ser integrante do léxico militar há mais de 70 anos. Para Paddock “A maioria das pessoas pensa que as PSYOPS ou a Guerra Psicológica têm como objetivo influenciar uma audiência alvo (AA) com o intuito que esta apoie os nossos objetivos” (2010, p. 1).

Em Portugal as PSYOPS também tiveram grande relevância durante a Guerra do Ultramar¹¹, como nos diz a Comissão para o Estudo das Campanhas de África (1998, p. 505). Esta comissão deu, na sua análise maior importância às Ações Psicológicas¹² que decorreram no TO de Angola, revelando que estas tiveram início antes de 1961, quando o Comando da Região Militar de Angola elaborou o “Plano de Acção Psicológica nº.1”, de 16 de novembro de 1960. Tendo, a Acção Psicológica, sido considerada um sucesso na Guerra do Ultramar, esta serviu como base para a criação de doutrina em outros países da NATO

¹¹A Guerra do Ultramar decorreu de 1961-1974.

¹² Termo adotado durante a Guerra Colonial para definir PSYOPS.

“As PSYOPS não ganharam a Guerra do Golfo, mas desempenharam um papel significativo”¹³ (Jones J. B., 1994, p. 22). Este autor explica que foi através desta tipologia de operações que se conseguiu “encorajar a solidariedade da coligação, reduzindo o poder de combate do inimigo e enganando o inimigo acerca das intenções dos aliados”¹⁴. Um dos objetivos das linhas que se seguem, é enumerar os objetivos, quais as operações que apoiam e quais as limitações que as PSYOPS possuem.

2.2.1 Os Objetivos das PSYOPS

Bowdish (1998-1999, p. 36) apresenta-nos, na sua perspetiva, quais são os objetivos das PSYOPS. Dizendo que, se as PSYOPS são para manter a paz no teatro dinâmico das relações internacionais, deve dar-se primazia a estas por duas razões. Primeiro, se as PSYOPS forem trabalhadas com base numa rotina, através de decisores aos mais altos escalões, o pessoal das PSYOPS pode e deve criar e possuir planos de contingências, para serem utilizados em caso de crises ou de emergência; e, por último, trabalhar, tendo sempre em mente, os fatores de decisão¹⁵, vão permitir aos militares das PSYOPS compreender as preocupações dos decisores e executá-las segundo a intenção dos mesmos.

No artigo de Long (1999, p. 6), apresenta a perspetiva da Força Aérea dos EUA. Esta tinha definido como objetivo operacional das PSYOPS a transmissão de indicadores e de informação selecionada a audiências alvo desconhecidas, para influenciar as suas emoções, motivos, objetivos racionais, e, em último caso, o comportamento de governos estrangeiros, organizações, grupos ou pessoas singulares.

Continua, Long (1999, p. 6) afirmando que as PSYOPS se estão a tornar cada vez mais importantes, numa época em que a redução dos orçamentos de Defesa e o aumento das responsabilidades globais do campo de batalha. As PSYOPS podem trazer novas valências e colocar novos fatores nas equações do campo de batalha. Este problema, segundo Long, é uma constante nos dias de hoje, tendo em conta, as notícias de abertura dos telejornais, onde cada vez mais se falam de cortes nos orçamentos militares, e, da crise económica a nível mundial; a falta de voluntários para o serviço militar, desde o término do serviço militar obrigatório, levando à falta de pessoal nas fileiras das Forças Armadas (FA), fazendo com que o seu empenhamento, nas forças nacionais destacadas (FND), seja

¹³Tradução livre da responsabilidade do autor.

¹⁴ Tradução livre da responsabilidade do autor.

¹⁵ “Conjunto de fatores que são empregues para importante para o entendimento geral da situação ao nível tático. O comandante tem de focalizar a sua análise nestes elementos específicos do ambiente que se aplicam à sua missão. Os fatores são resumidos na mnemónica MITM-TC, também entendidos como fatores de decisão” (Exército Português, 2012, pp. B-23). Tendo sido recentemente designados por Variáveis de Missão.

feito de forma mais restritiva, com o intuito de evitar baixas desnecessárias. Aí as PSYOPS vão adotar um papel preponderante, fazendo com que estas faltas, de pessoal e de orçamentos não influenciem a *performance* do vetor militar no campo de batalha.

Por sua vez Jones (1994, p. 23), já num contexto mais vocacionado para os objetivos das PSYOPS nas operações de combate, apresenta quais foram os objetivos aprovados para a Guerra do Golfo. Estes foram conseguir a aceitação e apoio para as operações militares a desempenhar pelos EUA; intimidar as forças iraquianas, incentivando, no Iraque à discórdia, alienação, perda de confiança, resistência, deserção e dissidências; criar dúvidas e roturas a nível do comando Iraquiano; tornar mais forte a confiança e determinação de estados aliados para resistirem à agressão; e, projetar os EUA como uma força credível e capaz.

Jones (1994) continua, dizendo que, inicialmente, o esforço das PSYOPS foi garantir o apoio ao Comando Central dos Estados Unidos¹⁶ (USCENTCOM), cujo objetivo principal era unir os elementos dispersos da força multinacional. O autor apresenta, também, quais os temas adotados pelas PSYOPS, a quando do início das atividades.

Segundo Jones (1994), no Iraque os temas dos folhetos, lançados pelas PSYOPS seguiam uma ordem lógica, por forma a intensificar os objetivos das Operações através do desenvolvimento encadeado dos temas. Em dezembro começaram por ser “Paz não Guerra”, “Irmandade Árabe”, “o tempo está a esgotar-se”, “o mundo está unido contra a agressão”, e “Saddam traiu-vos”. Com o prazo estipulado pela ONU a aproximar-se do seu fim, o tema principal passou a ser “A superioridade tecnológica da coligação vai levar-vos, inevitavelmente, à derrota”.

Sammons (2004), diz-nos que as mensagens e temas de PSYOPS durante a *Operation Enduring Freedom – Afghanistan*¹⁷ (OEF-AFG) foram, o incentivo à deserção por parte dos Talibã; transmitir aos locais, que os EUA iriam intervir não com a intenção de os magoar mas sim para os ajudar; e por último transmitir de que forma os Talibã e Osama Bin Laden os estavam a oprimir, e que estavam a tentar induzir os cidadãos do Afeganistão a uma forma de islamismo corrupta através do terror.

As PSYOPS têm sido bastante utilizadas na luta contra o terrorismo, como nos diz Post (2005). Este autor afirma, também, que o terrorismo é uma espécie “viciosa” de Guerra Psicológica, que é travada através dos meios de comunicação social, é a guerra dos corações e das mentes. Post (2005) após afirmar que o terrorismo se trata de uma guerra

¹⁶ Tradução do Inglês, *United States Central Command*.

¹⁷ A Operation Enduring Freedom – Afghanistan, decorreu entre os anos 2001 a 2003.

psicológica, apresenta quatro objetivos psicológicos para o combate às forças terroristas. O primeiro objetivo consiste em inibir um potencial terrorista de se juntar a um grupo terrorista; depois produzir discórdia entre os vários grupos terroristas; que também devem incentivar à saída destes grupos; por último reduzir o apoio aos grupos e aos seus líderes. E afirma, ainda, que pode surgir um quinto objetivo, que consiste em isolar as audiências alvo¹⁸ (Post, 2005).

Como conclusão do artigo, Post (2005) afirma que “para conduzir as sofisticadas campanhas de PSYOPS, é necessário uma pesquisa esquematizada e análise da história, política, e cultura dos potenciais inimigos, e em particular a sua liderança e a cultura estratégica”¹⁹.

Tendo por base os dados anteriormente citados, e tomando os objetivos PSYOPS da NATO como referência, consideramos os seguintes objetivos de PSYOPS, “enfraquecer ou modificar a vontade do inimigo/adversário ou de qualquer outra potencial AA adversa; reforçar a dedicação das AA amigas/simpatizantes; ganhar o apoio e a cooperação de AA neutrais ou indecisas”²⁰ (NATO, 2007).

Para a nossa investigação, vamos então, considerar como objetivos das PSYOPS aqueles que a NATO definiu, e aqueles que alguns autores, anteriormente citados, apresentaram, dos quais nós consideramos que são de extrema importância para o tema em investigação. Para tal, neste subcapítulo, concluímos que, as PSYOPS têm os seguintes objetivos, diminuir a vontade de combater, das AA adversas; garantir o apoio das AA amigas; conseguir o apoio e a cooperação das AA neutrais ou indecisas; transmitir às AA que a força no TO é credível e capaz.

2.2.2 Operações que Apoiam

“As PSYOPS garantiram apoio através da rádio e da televisão, transmitiram mensagens através do emprego de altifalantes táticos e produziram 29 milhões de folhetos. Apoiando assim as operações de assistência humanitária da coligação com os Curdos”²¹ (Jones J. B., 1994, p. 22). Meses antes da invasão do Iraque ao Kuwait, segundo Jones (1994, p. 22), já se encontravam na região especialistas do 4º Grupo de PSYOPS, a trabalhar para os aliados da Defesa dos EUA no Iraque, Kuwait, Jordânia, Djibouti, Iémen e Paquistão; para a missão de treino dos EUA na Arabia Saudita; e em Sinai como

¹⁸ Post (2005), considera que as AA a isolar, são o público, que é alvo do terrorismo, dos terroristas em si.

¹⁹ Tradução livre da responsabilidade do autor.

²⁰ Tradução livre da responsabilidade do autor.

²¹ Tradução livre da responsabilidade do autor.

observadores de uma Força Multinacional. A experiência cultural, linguística e militar destes soldados empenhados, provou trazer enormes ganhos ao esforço das PSYOPS no Golfo. Jones (1994, p. 25) enumera as várias campanhas de PSYOPS que decorreram em simultâneo, durante o decorrer da operação Urban Freedom, como mostramos a seguir:

- (1) O USCENTCOM aprovou a difusão rádio local no Egipto e Turquia com o objetivo de tornar mais fortes os laços entre os EUA e os membros da coligação dando ao inimigo informação atualizada e factual do progresso da guerra;
- (2) Uma campanha estratégica de folhetos em Bagdad, bases aéreas no interior do Iraque, e unidades da Guarda Republicana no norte do Kuwait e a sul do Iraque sublinhando a magnitude do esforço aliado, o erro de posicionamento político de Saddam Hussein e da sua futilidade em se opor contra as forças da coligação;
- (3) O Comandante-chefe do Comando Central dos Estados Unidos ²² (USCINCCENT) decidiu que missões de lançamento de folhetos tinham como principal objetivo degradar a moral inimiga e a sua vontade de combater o que resultou num número significativo de rendições e deserções antes da ofensiva terrestre começar. (1994, p. 25)

Assim Jones (1994, p. 25), conclui que várias campanhas PSYOPS, com diferentes propósitos, podem trabalhar para objetivos concorrentes de uma operação.

O autor refere-se à sinergia que estas podem fazer com as outras atividades, por exemplo as IO. A NATO (2007) diz que as PSYOPS devem atingir objetivos específicos para apoiar as IO, são elas que vão tomar as decisões a nível das atividades de influência, atividades de contra comando e a nível da Segurança de Operações. Ou seja as IO vão constituir uma base de coordenação para as campanhas de PSYOPS.

A NATO (2007) define também, que as PSYOPS contribuem para aceitação das forças da NATO em qualquer TO em que estejam a operar, ganhando e mantendo o apoio a estas através da influência das AA. Ou seja, refere que as PSYOPS têm de ser capazes de apoiar a proteção da força.

É mencionado também, por parte da NATO (2007), que as PSYOPS e as Operações de Cooperação Civil-Militar (CIMIC) devem de apoiar-se mutuamente. Dado que a CIMIC pode garantir benefícios palpáveis à população civil existente no TO, ficando assim as PSYOPS encarregues de realçar o trabalho da CIMIC através da emissão de produtos psicológicos que demonstrem esse trabalho.

A NATO (2007), clarifica, que, o relacionamento entre PSYOPS e as Relações Públicas é essencial. Pelo que a PSYOPS e as Relações Públicas devem trabalhar em apoio uma da outra. Refere que, apesar das Relações Públicas se destinarem a informar as audiências e assegurar a ligação com as entidades de comunicação social, mostrando-lhes

²² Tradução do Inglês, *Commander in Chief, United States Central Command*.

aquilo que estes querem ver. E que as PSYOPS devem ser credíveis e produzir os seus produtos, utilizando os dados transmitidos pelas Relações Públicas, de modo a que consigam influenciar as AA autorizadas.

Por último, a NATO, apresenta, o uso coordenado e apropriado de todas estas atividades e capacidades²³, em apoio das suas políticas, operações e atividades, com vista a alcançar os objetivos da NATO, deve ser definido como Comunicação Estratégica.

A NATO, realça ainda a importância deste conceito, considerando que a Comunicação Estratégica é o processo que apoia e sustenta todos os esforços para alcançar os objetivos da aliança; torna-se numa capacidade, que conduz e informa as decisões e não influencia a organização em si. Por estas razões, a Comunicação Estratégica, deve ser integrada desde o início no planeamento, vindo a ser, as atividades de comunicação, uma resultante desse planeamento (NATO, 2012a).

Desta forma, podemos concluir que existe uma atividade encarregada da coordenação das restantes, essa é a Comunicação Estratégica, responsável por, verificar que as IO, PSYOPS e CIMIC estão a trabalhar em concordância por forma a atingir objetivos concorrentes. Sendo as IO, um fórum de coordenação, no qual as PSYOPS fazem parte integrante, ou seja, as IO, irão coordenar um conjunto de atividades, nas quais estão incluídas as PSYOPS com vista à consecução dos seus objetivos. Já o relacionamento das CIMIC com as PSYOPS, vai ser na base do realce das CIMIC no TO, no qual as PSYOPS, irão explorar quais as atividades realizadas pela CIMIC, produzindo assim mensagens, nas quais é realçada a atividade de uma força num determinado TO.

2.2.3 Limitações das PSYOPS

Tal como todas as capacidades militares, também as PSYOPS podem ter limitações e constrangimentos, quer no âmbito legal, quer a nível de Regras de Empenhamento²⁴ (ROE) do TO onde está a ser executada esta tipologia de operações. Para tal, Sattler (2008) diz-nos que existem leis e convenções que limitam as PSYOPS, falando inclusive da aplicação da regra da proporcionalidade, afirmando que se as PSYOPS causarem mais danos que os necessários para cumprir os seus objetivos poderão estar a violar o princípio da proporcionalidade, que está descrito no Artº51 do Protocolo Adicional I da Convenção de Genebra. Vejamos o caso da convenção de Genebra, que proíbe a utilização de

²³ Entenda-se por, Diplomacia Pública, CIMIC, Relações Públicas, Relações Públicas Militares, Operações de Informação e Operações Psicológicas.

²⁴ Tradução do Inglês de *Rules of Engagement*.

propaganda sobre prisioneiros de guerra utilizando o pretexto de que se trata de uma forma de educação; ou, que uma potência que esteja a atuar num determinado TO, não pode utilizar as PSYOPS por forma, a que haja o alistamento voluntário nas suas forças armadas.

Tendo em conta que as PSYOPS visam influenciar perceções com o intuito de conquistar o apoio por parte dos neutrais, Sattler (2008) apresenta-nos no Artº37.1 do Protocolo Adicional I da Convenção Genebra onde é referido que o ganho da confiança por parte do adversário através da promessa de regalias, mas com a segunda intenção de o trair deverá ser considerado traição e quem cometeu esse crime deverá se julgado por tal. No entanto, o segundo ponto, do mesmo artigo já nos fala do uso de ardis, e que estes não violam nenhuma lei do direito internacional dos conflitos armados, dizendo também quais as artimanhas permitidas, incluindo o uso de desinformação.

Sattler (2008), diz-nos também que as ROE não são Leis do Conflito Armado²⁵ (LOAC), sendo que as LOAC são regras que nos são impostas pelo direito internacional, enquanto as ROE são regras feitas por nós para nós. Pelo que nos é mostrado por Sattler, o autor vai de encontro ao o que se refere o Exército dos EUA (2005). Ambos apresentam quais são os aspetos legais das PSYOPS dos quais devemos salientar as convenções de Genebra e de Haia quer Sattler, quer o Exército dos EUA abordam estas convenções e os seus protocolos adicionais, para que os responsáveis pelo planeamento das PSYOPS, garantam que estas não contribuam para ações que vão contra estas duas convenções. Para tal o Exército dos EUA (2005), diz que a quando do planeamento devemos de ter a nosso lado um *Judge Advocate General* (JAG), para garantir que as PSYOPS que apoiam Operações de Decepção não violem a 4ª Convenção de Haia. Na realidade, as forças utilizam os *Legal Advisors*, para assegurar que tal não aconteça. No caso das PSYOPS, existe também o *Legal Advisor*, no *approval board* (Saraiva, 2011a), cabendo a este garantir que os produtos produzidos pelas PSYOPS não violam as ROE, nem a LOAC.

Devemos ter em conta também os acordos internacionais, por que estes podem limitar, em muito, as nossas ações de PSYOPS na nação anfitriã, também devemos tomar em conta as regras de empenhamento, porque estas também ditam os limites das PSYOPS e o apoio das PSYOPS às Operações de Informação. O pessoal envolvido no planeamento deve ter total conhecimento das ROE (USA Army, 2005).

Na NATO, existe uma política que não permite o uso de PSYOPS sobre, o seguinte tipo de audiências: Nações NATO; Forças ou Coligações Aliadas; os *media* Internacionais;

²⁵ Tradução do Inglês de *Laws of Armed Conflict*.

audiências civis fora da Área de Operações Conjunta (JOA). Pelo que estas não podem ser um público-alvo das PSYOPS (Saraiva, 2011b). Contudo, a doutrina dos EUA, já permite esta ação, mas só em caso de uma operação de resposta a crise, como vetor de disseminação de informações (USA Army, 2005).

Mas as limitações, também podem surgir, ao nível dos meios que nós temos disponíveis para disseminar os produtos PSYOPS, vejamos o caso de uma equipa tática de PSYOPS²⁶ (TPT), que utiliza viaturas táticas com altifalantes, esta é vulnerável e possui constrangimentos físicos. Outro exemplo é a difusão de produtos via rádio, que podem sofrer de empastelamento, falta de disponibilidade de receptores, despendem energia para a sua utilização, a competição por parte de outras rádios locais, e, até mesmo a sua permanência (Guilherme, 2011).

Mas não só na difusão rádio existem limitações, também ao nível de disseminação de produtos de cariz visual existem limitações, como a velocidade, a sua distribuição, a taxa de literacia da AA, e a vulnerabilidade do próprio meio de difusão (Guilherme, 2011).

Nos meios audiovisuais, destacam-se quatro meios de disseminação a comunicação presencial no qual, apresenta vulnerabilidades, devido a potenciais erros de tradução, por causa da aptidão de relacionamento, de quem vai estabelecer a comunicação, e o risco que advém de falar cara a cara, podendo ser uma armadilha ou até mesmo uma emboscada (Guilherme, 2011). Outro meio audiovisual, a televisão, apresenta-nos limitações a nível do alcance das suas transmissões, a enorme quantidade de receptores necessários para conseguir dar cobertura a um país inteiro, a necessidade de uma infraestrutura para realizar uma emissão, e a competição que pode surgir por parte de outras cadeias televisivas já existentes no terreno (Guilherme, 2011). Surgem também, os filmes como vetor de difusão, mas destes advém os custos, a oportunidade para uma força PSYOPS poder produzir um produto desta envergadura e a restrição da audiência (Guilherme, 2011).

Por último, a Internet como meio de disseminação audiovisual, mas tal como os outros meios de disseminação, tem limitações, por exemplo a literacia das AA, a disponibilidade de computadores no local onde estamos a operar, o anonimato, que pode levar à descredibilização de uma campanha, a manipulação da informação, podendo causar problemas para as forças a operar naquele TO, e, por último, a competição que existe, tendo em conta que este é um meio muito utilizado nos dias de hoje (Guilherme, 2011).

²⁶ Tradução do Inglês de *Tactical PSYOPS Team*.

Podemos então dizer que, uma das principais limitações dos meios de disseminação PSYOPS, podem ser as infraestruturas, não só no caso da rádio e da televisão, que precisam de um local permanente para poder produzir os seus produtos, mas também por exemplo, a nível da produção de panfletos, onde é preciso uma infraestrutura para os produzir e uma outra para os armazenar, bem como um canal que assegure a sua difusão.

Tal como foi anteriormente referido, a quando das limitações das PSYOPS da internet, levanta-se um problema que é o anonimato da informação, ou seja surge o problema das fontes, ou, origens das PSYOPS. No diz respeito à origem de fontes a NATO, define que existem três tipos de PSYOPS: as PSYOPS brancas, no qual a fonte de produção é conhecida, ou dada a conhecer no produto disseminado; as PSYOPS cinzentas, nas quais a sua origem é desconhecida; por último, surgem as PSYOPS pretas, nestas a origem, ou, fonte apresentada, é outra que não aquela que a produziu. Esta tipologia, PSYOPS pretas, não é empregue pela NATO, pois este tipo de operações pode ter repercussões ao nível estratégico (NATO, 2007, pp. D - 1).

2.3 A Caracterização do TO: Afeganistão

Rashid (2000), diz-nos que os primórdios do Afeganistão remontam ao tempo de Alexandre Magno (330 – 323 a.C.) que o conquistou e que o fundou, tal como as suas cidades mais importantes, Cabul, Herat e Kandahar.

Já no século XIX, a unidade política Afegã, tal como tinha sido desenhada, estava predestinada a ser considerada uma zona tampão, entre os impérios Russo e Britânico²⁷, ao mesmo tempo que o território afegão já era constituído por vários povos (Santos, 2011, p. 30).

2.3.1 Caracterização Geográfica

O Afeganistão é um país localizado no Sul da Ásia cuja capital é Cabul, situado a Norte e a Oeste do Paquistão, a Este do Irão e a Sul do Turquemenistão, Uzbequistão, Tajiquistão e da China. Possui uma área de 652.230Km², tem 5.529Km de fronteira, divididas da seguinte forma: China 76Km; Irão 936Km; Paquistão 2.430Km; Tajiquistão 1,206Km; Turquemenistão 744Km; e Uzbequistão 137Km (CIA, 2012).

O clima do Afeganistão varia entre o árido e o semiárido; tendo assim Invernos rigorosos e verões quentes. A sua geografia é maioritariamente coberto de montanhas

²⁷ O Império Britânico, detinha a Índia e o Paquistão como suas colónias.

acidentadas. Estando o ponto mais elevado situado em Noshak (7,485m) e o mais baixo em Amu Darya (258m), sendo plano a Norte e a Sudoeste do país.

Em termos de recursos naturais no subsolo Afegão podemos encontrar gás natural, petróleo, carvão, cobre, crómio, talco, barite, enxofre, chumbo, zinco, minério de ferro, sal, pedras preciosas e semipreciosas.

É de realçar, os problemas ambientais que afetam o Afeganistão, como é o caso de falta de recursos hídricos naturais e as formas precárias do abastecimento da mesma, a degradação do solo, a desflorestação (muitas das que restam estão a ser abatidas para extração de combustíveis e de materiais de construção), desertificação e poluição da água e do ar (CIA, 2012).

2.3.2 Caracterização Demográfica

O Afeganistão possui uma sociedade etnicamente variada, sendo sete etnias consideradas de grande importância, são elas, os Pashtun (42%), os Tajik (27%), os Hazara (9%), os Uzbeque (9%), os Aimak (4%), os Turkmen (3%), os Baloch (2%) e outras etnias de menos relevância (4%). Resultante desta variedade étnica surge então uma enorme variedade linguística. As línguas oficiais são o Persa Afegão ou Dari (50%) e o Pashto (35%), os restantes são idiomas não oficiais, como os idiomas turcos (sendo os principais o Uzbeque e o Turkmen, 11%) e outros 30 dialetos (sendo os principais o Balochi e o Pashai, 4%). Por sua vez, a variedade quanto às crenças religiosas é reduzida, 80% da população é Sunita e 19% é Xiita, sendo apenas 1% de outras religiões (CIA, 2012).

O Afeganistão é o quadragésimo país do mundo no respeitante ao número de habitantes, tendo 30.419.928 habitantes. Os habitantes do Afeganistão tem uma média de idade nos 18,2 anos sendo que a maioria dos habitantes possui as idades compreendidas entre os 15-64 anos de idade, correspondendo a 55,3% da população afegã²⁸. Do qual 8.460.486 habitantes são do sexo masculino e 8.031.968 habitantes do sexo feminino. O Afeganistão possui uma taxa de crescimento populacional positiva (2,22%), derivado da sua taxa de natalidade de 39,3 nascimentos por cada 1.000 habitantes, e da taxa de mortalidade 14,59 mortes por cada 1.000 habitantes (CIA, 2012).

No Afeganistão existe uma taxa de literacia²⁹ bastante baixa de 28,1%, sendo 43,1% do sexo masculino e 12,6% feminino (CIA, 2012).

²⁸ Em comparação com os EUA (66,8%), tem menos 11%; comparando com Portugal (65,8%), são menos 10%; e, em todo o Mundo (65,9%), menos 14% do que no Afeganistão.

²⁹ Pessoas com 15 anos ou mais que sabem ler e escrever.

2.3.3 Caracterização Política

Desde 7 de dezembro de 2004, tendo sido reeleito em agosto de 2009, Hamid Karzai ocupa o cargo de presidente da República Islâmica do Afeganistão. Que é o chefe supremo do governo sendo, este constituído por um conselho de 25³⁰ ministros, sendo estes nomeados pelo presidente e aprovados pela Assembleia Nacional. Tendo em conta as diversidades étnicas, existem também grupos de pressão política, como os Taliban, grupos religiosos, os líderes tribais e os próprios grupos étnicos (CIA, 2012).

Oficialmente, o Afeganistão encontra-se dividido em 34 províncias e 364 distritos, estando a maioria deles divididos devido à sua localização geográfica ou por motivos das estruturas tribais³¹ (RONNA, 2011).

No Afeganistão, a assembleia nacional (*Shura-e Milli*), encontra-se dividida em duas câmaras, designadas por “casas”, sendo estas, a “casa do povo”, constituída por 249, cidadãos eleitos; e, a “casa dos anciãos”, constituída por 102 deputados, nomeados e não eleitos.

O Afeganistão possui um sistema de governo unitário, as províncias e os distritos, por sua vez não possuem legalmente entidades políticas destacadas. O presidente do Afeganistão responsável pela nomeação os governadores das províncias e dos detentores de cargos oficiais nos distritos. Por sua vez as províncias possuem um conselho superior que é eleito pelo povo (RONNA, 2011).

A nível orçamental, a sua gestão é feita centralmente, quer ao nível provincial quer ao nível distrital, pelo conselho de ministros³² em Cabul. Para tal cada província reúne um conjunto de delegados nos vários ramos dos ministérios do governo central (RONNA, 2011).

2.4 A Estrutura da ISAF

Após os atentados de 11 de setembro de 2001, que ocorreram em Nova Iorque, *Washington D.C.* e Pensilvânia, logo no dia 12 foi emitida pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas (UNSC) a Resolução nº. 1368, visando dar enquadramento legal às operações militares no Afeganistão por parte dos EUA (Meneses, 2011). Inicia então a ofensiva aérea por parte dos EUA, tendo como principal objetivo suprimir o movimento

³⁰ Em 25, apenas 7 é que estão a desempenhar as suas funções, enquanto os restantes, se encontram à espera de aprovação por parte da assembleia nacional.

³¹ Consultar Anexo A - Subdivisão Política do Afeganistão.

³² Este departamento é composto por 25 ministério.

Talibã no Afeganistão, aparentemente esta vitória foi alcançada de forma muito rápida e surge então a ISAF (Pinto, 2009).

A ISAF é uma coligação destacada agindo sob a autoridade do Conselho de Segurança das Nações Unidas. Para auxiliar os 28 países membros da NATO, estão também integrados 22 países não membros, garantindo assim que o efetivo da ISAF no Afeganistão, em 2012, seja aproximadamente, à data de elaboração deste trabalho, de 129.000 soldados (NATO, 2012b).

Em apoio do governo da Republica Islâmica do Afeganistão, a ISAF conduz operações no Afeganistão com o objetivo de reduzir a capacidade e a vontade de combater da insurgência, apoiar o crescimento da capacidade e qualidade das Forças de Segurança Nacionais Afegãs (*Afghan National Security Forces*, ANSF), e facilitar melhorias no governo a nível do desenvolvimento socioeconómico, com vista a alcançar um ambiente seguro e estável que permita um desenvolvimento sustentado observável pela população (NATO, 2012b).

A estrutura de comando da ISAF compreende um quartel-general de nível operacional (ISAF HQ), um quartel-general de nível tático (ISAF Joint Command, IJC), e uma Missão de Treino da NATO no Afeganistão (NATO Training Mission – Afghanistan, NTM-A) (NATO, 2012b).

O Comandante da ISAF³³ concentra-se nos aspetos estratégicos político-militares da missão da ISAF, como a sincronização das operações da ISAF com os trabalhos realizados pelos afegãos e com outras organizações internacionais a trabalhar no país (NATO, 2012b).

Por sua vez o IJC é responsável por executar todo o tipo de operações no espectro tático em território afegão, incluindo, por exemplo, o supervisionar e apoiar o desenvolvimento do Exército Nacional Afegão (*Afghan National Army*, ANA), e da Polícia Nacional Afegã (*Afghan National Police*, ANP) ao nível de treino institucional, da educação e desenvolvimento profissional e a Mentoria e Treino das forças afegãs. Sendo esta última assegurada pelas Operational Mentor and Liaison Teams (OMLT)³⁴ (NATO, 2012b).

³³ Ver Anexo B - Organograma da ISAF e do IJC

³⁴ Tradução do Inglês de *Operational Mentor and Liaisons Teams*.

2.4.1 A Estrutura PSYOPS da ISAF

Segundo a NATO (2007), uma Força-Tarefa Conjunta e Combinada de Operações Psicológicas³⁵ (CJPOTF), tem como missão específica garantir apoio ao comandante do TO, a nível de controlo do desenvolvimento de produtos e da disseminação de todos os produtos PSYOPS no TO, e coordenar, também, os esforços de todos os elementos de apoio de PSYOPS³⁶ (PSE).

Para tal, o CJPOTF, é constituído por um Quartel-General (CJPOTF HQ Staff), no qual se encontra o grupo de comando e os principais elementos de Estado-Maior³⁷. Este tem como principais missões dar aconselhamento ao comandante do TO e conduzir a análise de AA, verificar os impactos das PSYOPS no local, produzir e disseminar produtos, e coordenar o apoio tático das PSYOPS. O CJPOTF HQ Staff possui também, um Centro de Desenvolvimento de Produtos³⁸ (PDC) ao qual compete a produção dos produtos PSYOPS, a nível de impressão, áudio, audiovisuais e outros produtos para disseminar no TO com vista a atingir os objetivos de determinada campanha PSYOPS. Possui ainda meios de disseminação e um Elemento de Ligação ao Centro de Operações Conjuntas³⁹ (JOC Liaison Element)⁴⁰, este último visando assegurar a integração das PSYOPS no desenrolar das operações (NATO, 2011).

Tendo em conta o que está estipulado pela NATO relativamente à estrutura das PSYOPS, na ISAF existe um CJPOTF, dependendo diretamente do Comando Conjunto da ISAF⁴¹ (IJC). Por sua vez, o CJPOTF possui um grupo de comando, deste dependem uma célula de apoio de estado-maior e de distribuição de produtos, com responsabilidade de apoiar o grupo de comando do CJPOTF e com responsabilidade a nível da distribuição, do armazenamento e da catalogação dos produtos psicológicos (Arnott, 2010). Contudo, esta organização, não é a estipulada pela NATO. A NATO define que o CJPOTF tem como objetivo principal garantir apoio PSYOPS ao comandante da Força-Tarefa Conjunta e Combinada, de nível operacional (NATO, 2007, pp. 3 -3). Ou seja no caso da ISAF, deveria depender diretamente do COMISAF, por este ser o comandante a nível operacional, mas, com a institucionalização do IJC passou a depender do comandante a nível tático, que como foi mencionado é o IJC (Arnott, 2010).

³⁵ Tradução do Inglês de *Combined Joint Psychological Operations Task Force*.

³⁶ Tradução do Inglês de *PSYOPS Support Element*.

³⁷ J1-J6.

³⁸ Tradução do Inglês de *Product Development Center*.

³⁹ Tradução do Inglês de *Joint operations Center*.

⁴⁰ Consultar Anexo C - Organograma CJOPTF (NATO).

⁴¹ Tradução do Inglês de *ISAF Joint Command*.

Existem também as células de análise de audiências alvo⁴² (TAA) e Secções de Teste e Avaliação (TES⁴³) com responsabilidades a nível da avaliação das audiências e a avaliação de resultados obtidos pela mesma. A partir do momento, em que o CJPOTF passou a depender do IJC, sofreu um incremento de pessoal na célula de TAA/TES. Existia uma célula de operações planeamento e coordenação das PSYOPS, contudo, após o CJPOTF ter passado para a dependência do IJC, este perdeu esta célula e criou um elemento de ligação ao IJC (PSE)⁴⁴. Possui ainda um PDC, chefiado pelo diretor de meios de comunicação. que tem ao seu encargo, uma secção de impressão, uma secção de rádio, uma secção de televisão, uma secção de internet, uma secção de treino de *media* e por último, tem uma célula de *media* avançada, com diversas equipas de *media* avançada⁴⁵ (FMT). Como o nome indica, as quatro primeiras equipas têm como objetivo principal produzir produtos psicológicos para os respetivos meios de comunicação social. Enquanto a secção treino de *media* tem como objetivo preparar alguém para uma reportagem de modo a que não transmita informação que ponha em causa os objetivos das PSYOPS da ISAF. As equipas de *media* avançada não são mais do que jornalistas que acompanham as forças da ISAF, ou, que se inserem no seio da população local, por forma a garantir um conhecimento da realidade da região, onde se encontram inseridos, garantindo também informações em tempo oportuno. Assim as outras secções, as de rádio, televisão e imprensa, podem transmitir informações atualizadas e de forma oportuna às AA⁴⁶ (Arnott, 2010).

O CJPOTF da ISAF possuía anteriormente uma Força Tática de PSYOPS. Atualmente, essa célula deixou de existir, mas o CJPOTF passou a destacar elementos para outras células do IJC, designadas de *Cross Funtional Teams* (CFT) (Arnott, 2010).

Uma CFT é normalmente composta com pessoas de vários níveis de capacidades e experiência que se juntam por forma a desempenhar uma determinada tarefa. As pessoas que constituem estas equipas normalmente provêm de diversas unidades de uma dada organização, estas podem ser permanentes ou criadas *ad hoc* (Scholtes, 1988). De momento existem cinco CFT: a CFT de planos futuros, uma de operações futuras, outra CFT de operações correntes, uma CFT de domínio da informação e a última designada de CFT de oficiais de ligação (Arnott, 2010).

⁴² Tradução do Inglês de *Target Audience Analysis*.

⁴³ Tradução do Inglês de *Test & Evaluation Section*.

⁴⁴ Ter em atenção que este PSE não desempenha as mesmas funções que, o elemento de apoio de PSYOPS (PSE), como se encontra descrito na doutrina NATO (Arnott, 2010).

⁴⁵ Tradução do Inglês de *Forward Media Team*.

⁴⁶ Ver Anexo D - Organograma CJPOTF da ISAF.

2.5 A Evolução da Missão da ISAF assim como das PSYOPS desenvolvidas no Afeganistão

A ISAF foi criada de acordo com a conferência de Bona, em dezembro de 2001. Os líderes da oposição afegãos, que assistiram a esta conferência, deram início ao processo de reconstrução do seu país com a criação de uma nova estrutura governamental, chamada de Autoridade de Transição no Afeganistão (ATA). A ISAF, inicialmente consistia numa força internacional mandatada pelas Nações Unidas com o objetivo de apoiar a ATA, visando criar um ambiente seguro em Cabul e em seu redor, e apoiar a reconstrução do Afeganistão (NATO, 2011).

A 11 de Agosto de 2003, a NATO assume o comando da operação da ISAF, ficando responsável pelo comando, coordenação e planeamento desta força multinacional, incluindo a nomeação de um comandante da força e de quartéis gerais em território afegão (NATO, 2011).

O mandato inicial da ISAF limitava a força a garantir segurança à região de Cabul. Em outubro de 2003, as Nações Unidas, após aprovação de novo mandato (UNSCR 1510)⁴⁷ a ISAF passam a garantir a segurança em todo o território afegão, abrindo assim caminho para a expansão das forças da ISAF (NATO, 2011).

2.5.1 O Evoluir da Missão da ISAF (2004-2012)

Em 2004, estava a terminar a expansão da ISAF no Norte do território afegão, dava-se a conclusão da primeira fase de expansão das forças da ISAF, que teve início em dezembro de 2003. Após a cimeira da NATO em Istambul foram estabelecidas Equipas Provinciais de Reconstrução (Provincial Reconstruction Teams, PRT)⁴⁸ em Mazar-e-Sharif, Meymana, Feyzabad e em Baghlan. Assim a Área de Operações da ISAF passou a cobrir cerca de 3.600Km² a norte do país possuindo capacidade de garantir segurança em nove províncias do norte do país (NATO, 2011).

Jones (2010, p. xv) diz-nos que no mesmo período (2004) em que a organização não-governamental Médicos Sem Fronteiras abandonara o Afeganistão, afirmando que as condições de segurança no país era precárias. Diz também, que em outubro do mesmo ano, ao mesmo tempo que era concluída a primeira fase de expansão da ISAF, é celebrada a eleição presidencial de Hamid Karzai.

⁴⁷ United Nations Security Council Resolution 1510 – The Situation in Afghanistan.

⁴⁸ As PRT foram desenvolvidas após a queda do regime Talibã como Joint Regional Teams (JRT), enquanto bases militares, de dimensões reduzidas, com o objetivo de manter a segurança nas províncias afegãs onde se encontravam e desenvolverem as regiões através da cooperação com as autoridades locais (Pinto, 2009).

A fim de reforçar o conceito de Estabilizar e Reconstruir, a missão, que estava a ser desempenhada pela ISAF, foram então criadas as PRT. Pinto (2009, p. 208) diz que as PRT têm três objetivos principais: o primeiro objetivo, é a implementação de segurança naquela província; o segundo é que, visam aumentar a visibilidade e credibilidade das forças locais no seio da população; e, o terceiro e último objetivo, é a reconstrução local, quer com “financiamento de projetos locais de cariz cívico-militares, ou monitorização de atos eleitorais, entre outros”. As PRT têm-se aliado a algumas ações de Organizações Não Governamentais (ONG).

Deve de salientar-se, a criação do programa *Focused District Development* (FDD), programa que, visa verificar se, a polícia afegã está devidamente equipada para garantir os seus serviços. A formação visava ensinar técnicas básicas de armamento, de apreensão e de revista a viaturas, controlo de tumultos e se possuem, todos os conhecimentos acerca da legislação afegã (NATO, 2009a).

Pinto (2009, p. 206) por sua vez afirma que a extensão de tropas em 2004 no Afeganistão, se deveu aos seguintes acontecimentos: o insucesso das operações antiterroristas na eliminação da Al-Qaeda e dos Talibãs e por causa das dinâmicas causadas pelas eleições presidenciais tanto no Afeganistão como nos EUA. Tendo os EUA, apesar do aumento de tropas, no Afeganistão, ter continuado a encarar este como sendo um teatro secundário, não lhe tendo sido afetos os recursos necessários, por ter iniciado uma nova frente de combate no Iraque.

A setembro de 2005, a NATO destacou, temporariamente, mais 2.000 militares no Afeganistão para apoiarem as eleições provinciais e parlamentares (NATO, 2011).

A 31 de Maio de 2006, a ISAF dá início à expansão das suas forças para Oeste⁴⁹ (NATO, 2011), tendo em simultâneo lançado a Operação Mountain Thrust, a maior ofensiva desde a queda dos Talibãs, segundo Jones (2010, p. xv), onde forças americanas e afegãs trabalharam em conjunto para suprimir a insurgência no Sul do Afeganistão.

A ISAF, assume o comando de mais duas PRT, nas províncias de Herat e Farah, e de uma base avançada de apoio logístico em Herat. No início de setembro é então concluído o processo de expansão da ISAF no oeste do território. Após terminar esta fase a ISAF passou a ter sob o seu comando um total de nove PRT, a norte e a oeste do território, garantindo assim assistência à segurança a 50% do território afegão (NATO, 2011).

⁴⁹ Decisão tomada pela NATO a 10 de fevereiro de 2005.

Em 2006 dá-se início à terceira fase da expansão da ISAF⁵⁰, um dos principais objetivos era expandir a força da ISAF até ao Sul do Afeganistão. Então a 31 de julho de 2006, a ISAF assume o comando da região Sul do Afeganistão expandindo a sua área de operações a mais seis províncias afegãs⁵¹, assumindo também o comando de mais quatro PRT (NATO, 2011).

A ISAF passava então, a ter sobre responsabilidade, um total de 13 PRTs, na sua área de operações cobrindo três quartos do território afegão. Surge então a necessidade de aumentar os efetivos, passando de cerca de 10.000 militares antes da expansão e para, aproximadamente, 20.000 após (NATO, 2011).

Em setembro dá-se início à Operação Medusa, na província de Kandahar, contra as forças Talibãs. Nesta operação foram envolvidos vários países da NATO, tais como o Canadá, os EUA e a Holanda. Também, foi realizada uma operação combinada entre forças dos EUA e afegãs, designada por, *Operation Mountain Fury*. Esta operação visava destruir os insurgentes nas províncias de Paktia, Khowst, Ghanzi, Pktia e Lowgar (Jones S. G., 2010, p. xv).

É concluída então a última fase de expansão da ISAF em território afegão, em outubro de 2006, assumindo assim o controlo da região que faltava, o Este do Afeganistão. Após a expansão da sua área de operações, a ISAF cimentou o seu papel no Afeganistão, incluindo o emprego de OMLTs para aconselhamento aos vários níveis de comando do Exército Nacional Afegão (NATO, 2011).

Também em outubro de 2006, diz-nos Lamb (2006), na província de Naray foi criada uma estação de rádio, com a missão essencial para quebrar o ímpeto da propaganda insurgente em Helmand, à qual os militares Britânicos têm vindo a fazer frente. Esta rádio transmite cerca de 10-12 horas de música, poesia, passagens do Corão e notícias para as aldeias de Nuristan. Foram distribuídos cerca de 8.000 rádios sendo distribuídos posteriormente, mais 20.000. A emissora possuía capacidade para transmitir para 48 aldeias o que correspondia a cerca de 6.000 pessoas. Após a rádio ter começado a emitir, perguntaram às pessoas se sabiam qualquer informação sobre dispositivos explosivos improvisados⁵² (IED), o que se tornou bastante útil porque as pessoas começaram a aparecer todos os dias com informação.

⁵⁰ Decisão aprovada a 8 de dezembro de 2005 no quartel general da NATO em Bruxelas.

⁵¹ As províncias foram Day Kundi, Helmand, Kandahar, Uruzgan e Zabul.

⁵² Tradução do Inglês de *Improvised Explosive Devices*.

É de referir, que muito antes, da rádio citada anteriormente, ter surgido, já existia uma rádio nacional, a transmitir 24h por dia, sete dias por semana. A rádio *Sada-e Azadi*, encontra-se no ar desde agosto de 2002, transmitindo notícias de todo o território afegão, música, publicidades, e transmitindo mensagens PSYOPS de acordo com o planeamento estipulado pelo CJPOTF. Estes *spots* PSYOPS, eram escritos pelo chefe da rádio, diretamente relacionados com o planeamento da missão. A célula rádio do CJPOTF tem estado a apoiar a *Sada-e Azadi*, no processo de contratação de jornalista locais, garantindo também a formação dos mesmos (Arnott, 2010).

Após a expansão das forças da ISAF no Afeganistão, a NATO organizou uma cimeira em Riga, Letónia, onde foram debatidas as contribuições militares de cada nação no Afeganistão. A França, a Alemanha, a Espanha e a Itália, continuaram relutantes quanto ao envio das suas forças para o sul do Afeganistão, por sua vez a Holanda, a Roménia e outros países de menor relevo, concordaram em abdicar de algumas restrições quanto ao emprego dos seus militares no território⁵³ (Jones S. G., 2010, p. xvi).

Branco (2008, p. 15), refere que em 2003, a quando do envolvimento da NATO no Afeganistão, a tipologia de missão adotada foi a de operação de estabilização⁵⁴. Mas aquando da finalização do alargamento da sua ação a todo o território afegão, a 5 de Outubro de 2006, a NATO passou a estar envolvida numa contrassubversão⁵⁵.

Em janeiro de 2007 os Royal Marines Britânicos, dão início à Operação *Volcano*, com vista a eliminar insurgentes de pontos importantes na vila de Barikju a Norte da província de Helmand. O esforço desta operação foi concluído com a Operação Aquiles que decorreu de março a maio do mesmo ano⁵⁶ (Jones S. G., 2010, p. xvi).

No mês de novembro do mesmo ano o presidente afegão Hamid Karzai, faz o apelo ao governo do Paquistão, para endurecer o combate ao terrorismo, após uma conversa ao telefone com o primeiro-ministro indiano Manmohan Singh.

⁵³ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁵⁴ “Operações de estabilização é uma designação abrangente que engloba o conjunto de missões, tarefas e atividades militares, conduzidas fora do território nacional em coordenação com outros instrumentos nacionais do poder ou integrando forças combinadas no âmbito dos compromissos (...). Visam essencialmente a manutenção ou restabelecimento de um ambiente seguro e estável” (Exército Português, 2012, pp. 8-1).

⁵⁵ “A contrassubversão abrange todas as ações militares, paramilitares, políticas, económicas, psicológicas e civis levadas a cabo por um governo para acabar com a subversão. As forças da HN e os seus aliados lutam para derrotar a oposição armada, (...) e restabelecer a legitimidade do governo. Os movimentos subversivos tentam persuadir a população a aceitar os seus objetivos e utilizam a força, ou a sua ameaça, quando a persuasão não surte efeito” (Exército Português, 2012, pp. 2-10).

⁵⁶ Tradução livre da responsabilidade do autor.

Pinto (2009, p. 215), conclui que a ISAF se apresenta como a ponte de ligação entre a NATO do contexto pós-guerra Fria e a conflitualidade progressivamente assimétrica. Refere também que o combate ao terrorismo passou a ser uma das prioridades da NATO, pelo que se for obtido sucesso na missão afegã, este poderá vir a ser definido como um futuro campo de intervenção, quer na natureza das operações combinadas quer na sua localização geográfica.

Em Janeiro de 2009 o número de efetivos da ISAF rondava os 55.100 militares (NATO, 2009b). Foi também no mês de janeiro que o New York Times escrevia, que Hamid Karzai era visto como um “potencial obstáculo” aos objetivos americanos no Afeganistão (Pereira, 2011, p. 191).

A fevereiro de 2009 o presidente Barack Obama, refere no seu discurso que o efetivo dos EUA no Afeganistão vai aumentar cerca de cinquenta por cento, enviando cerca de 17.000 militares do exército dos EUA e Marines⁵⁷ (Jones S. G., 2010, p. xvii).

A 24 de fevereiro de 2009, Barack Obama anuncia, que vai rever a estratégia americana no Afeganistão, assim como iria reforçar consideravelmente as forças dos EUA, assim como, no treino das forças de segurança afegãs (Pereira, 2011, p. 189).

Em Maio de 2009 o General Stanley McChrystal torna-se então o novo comandante das forças da NATO no Afeganistão. Uma das intenções, a que McChrystal se propôs cumprir, foi a proteção da população afegã, para tal considerou que, se devia quebrar o ímpeto e a iniciativa dos Talibã nos Afeganistão⁵⁸ (Jones S. G., 2010, p. xvii).

No seguimento dos acontecimentos anteriores, em julho, aproximadamente 4.000 Marines dos EUA em conjunto com soldados do Exército Nacional Afegão deram início à Operação Khanjar na província de Helmand. Esta operação foi uma das maiores ofensivas dos Marines dos EUA no Afeganistão. As forças dos Marines iniciaram o deslocamento para o Rio Helmand e a partir de lá deram início ao ataque aos distritos de Garmsir e Reg-e Khan Neshin. Esta operação visava acabar com a insurgência na província de Helmand, aquele que é considerado o “forte” dos Talibãs⁵⁹ (Jones S. G., 2010, p. xvii).

A 20 de agosto de 2009, dão-se então as eleições presidenciais, onde o presidente Hamid Karzai teve quase um milhão de votos, mas só dois meses depois é que foram apresentados os resultados, tendo o presidente Karzai obtido 49,67% dos votos e em segundo ficou Abdullah Abdullah com 30,59% dos votos, os restantes candidatos tiveram

⁵⁷ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁵⁸ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁵⁹ Tradução livre da responsabilidade do autor.

um número reduzido de votos, nos quais se encontravam três mulheres⁶⁰. Mas visto que nenhum dos candidatos obteve mais de 50% dos votos foi feita uma nova eleição, que foi agendada para 7 de novembro de 2009⁶¹ (Jones S. G., 2010, p. xviii).

Estas eleições, ficaram marcadas, pelas queixas de fraude, tendo Abdullah Abdullah, sido um dos que, denunciou esta fraude, afirmando inclusive que não aceitaria os resultados caso os abusos, tivessem um papel decisivo. A Comissão Eleitoral Independente, afirmou que se, essas ações fraudulentas fossem provadas, poderiam ter efeitos substanciais no resultado (Graff, 2009).

Em outubro, ocorre a Batalha de Kamdesh, no Este afegão. Uma força com algumas centenas de insurgentes, atravessou a fronteira do Paquistão e atacou dois postos avançados do Exército dos EUA, no distrito de Kamdesh, na província de Nuristão. Foram atacados, o posto de combate avançado de Keating e o posto de observação de Fritsch. Forças de Operações Especiais dos EUA e do Exército afegão foram em auxílio do CJTF-82 dos EUA, garantindo assim que os insurgentes não conseguiriam assaltar os postos avançados. Para completar esta operação, o Exército paquistanês, lançou a Operação Rah-e-Nijat a 17 de outubro contra militantes do Movimento Talibã do Paquistão a Sul de Waziristão⁶² (Jones S. G., 2010, p. xviii).

Abdullah Abdullah anuncia, a novembro de 2009, que vai abandonar a corrida ao cargo de Presidente do Afeganistão. Então a Comissão Independente de Eleições decide anular estas eleições e considerar Hamid Karzai presidente do Afeganistão por mais cinco anos⁶³ (Jones S. G., 2010, p. xviii).

É então, no final de novembro de 2009, que o presidente dos EUA, Barack Obama, anuncia uma nova estratégia para o Afeganistão. Esta consistia em, quebrar o ímpeto Talibã, e, aumentar a capacidade do governo afegão. Esta tarefa, iria ser a prioridade das forças da ISAF nos próximos dezoito meses (Pereira, 2011) .

A 17 de dezembro de 2009 é realizada a Operation Septentrion⁶⁴, onde foram empenhados cerca de 1.100 militares, maioria dos quais franceses apoiados por Forças Especiais dos EUA e militares do Exército Nacional Afegão, no vale de Uzbini, onde os militares franceses tinham sido emboscados no ano anterior⁶⁵ (The Associated Press, 2009).

⁶⁰ Estas três mulheres, candidatas à presidência do Afeganistão, eram, Rangina Hamidi, Shahla Atta, e, Frozan Fana.

⁶¹ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁶² Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁶³ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁶⁴ Operação Norte.

⁶⁵ Tradução livre da responsabilidade do autor.

Em dezembro de 2009 Barack Obama diz, na Academia Militar de West Point, que irão ser enviados mais 30.000 militares para o Afeganistão⁶⁶ (Jones S. G., 2010, p. xviii). E que ao fim de 18 meses, estes militares iriam voltar para casa porque que as forças de seguranças afegãs já possuíam a capacidade de assumirem a transição de autoridade das forças no Afeganistão (Office of the Press Secretary, 2009).

Sammons (2004) apresenta uma estatística apresentada num briefíngue dado pelo 4º Grupo de PSYOPS dos EUA, a 30 de Julho de 2002, no Afeganistão, onde foi dito que foram entregues mais de 80 milhões de folhetos e que foram transmitidos mais de 121 programas de rádio. Foi dito, também, que foram distribuídos cerca de 5.000 rádios pela população Afegã e que as transmissões, das rádios americanas, tinham trazido música para o Afeganistão os últimos seis anos.⁶⁷

No entanto, em 2010, a TAA do CJPOTF, estima que cerca de dez milhões, de ouvintes, sintonizaram a rádio Sada-E Azadi, e afirmaram que, se todos os transmissores do norte estivessem a funcionar, poderiam ter alcançado cerca de 97% dos vinte e três milhões de ouvintes, na população afegã⁶⁸. A televisão, também tem servido, de vetor de disseminação de produtos de PSYOPPS, designados de *spots*, utilizando o símbolo da Sada-e Azadi, para identificação de produtos, tendo sido transmitidos mais de quatrocentos *spots* de PSYPOTS. Estes tem sido disseminados com recurso às televisões afegãs, como por exemplo, passando a transmitir declarações oficiais e entrevistas, tudo em qualidade HD. O CJPOTF devido à falta de infraestruturas em determinadas regiões do Afeganistão, fez contratos com as quatro televisões mais vistas no país, a Tolo e a Ariana, fazem transmissões em Dhari, enquanto, a Shamshad e a Lemar, efetuam as suas transmissões em Pashtun. Assim conseguem uma melhor cobertura sobre o sudoeste, e, o este do Afeganistão (Arnott, 2010).

A nível de impressões, a ISAF, imprime cerca de quatrocentas e vinte seis mil cópias, do jornal, Sada-E Azadi, quinzenalmente, em cerca de cinco tipografias espalhadas pelo país. Este jornal contém, maioritariamente, notícias de interesse a nível nacional para a população, sendo a este, acrescentado um suplemento específico para cada região. Os artigos encontram-se escritos em Inglês, Pashtun e Dhari. Para além do jornal, as equipas de impressão, têm capacidade para, imprimir *posters*, em tamanhos compreendidos, entre o A1 e A4; e, placards com medidas, 3mX6m, que demoram, três dias a serem impressos e

⁶⁶ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁶⁷ Tradução livre da responsabilidade do autor.

⁶⁸ Ver Anexo E - Diagrama de Transmissões da Rádio Sada-e Azadi.

colocados no local. Estes são em número de duzentos e cinquenta e sete painéis, espalhados pelo Afeganistão, nas principais vias de circulação (Arnott, 2010).

A Sada-E Azadi, encontra-se também na Internet. Aqui o povo afegão, e não só, pode encontrar, os artigos que estão nos jornais, ouvir as reportagens que passaram na rádio, as notícias da rádio *online*, e, efetuar *download* dos spots de televisão, de produtos impressos e de jornais que se encontram na secção de arquivo do website. Existem ainda, um canal no You Tube e uma página no Twitter, com os *spots* e notícias atuais em Pashtun e Dhari (Arnott, 2010).

Existem ainda, doze FMT, espalhadas por todo o Afeganistão, que garantem a atualização diária das condições meteorológicas e de notícias para os outros meios de disseminação de produtos de PSYOPS e ajudam os PRT a obter informação diária. As FMT são o melhor meio para, estabelecer ligações, com os governantes locais, alguns departamentos e com os líderes chave.

Capítulo 3

Metodologia e procedimentos

3.1 Introdução

“Pode-se definir método como o caminho para se chegar a determinado fim” (Gil, 1999, p. 26). É assim que Gil começa por definir o método científico, isto porque o método científico é um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para que consigamos atingir o conhecimento (1999, p. 26). Para além de concordar com Gil, Freixo (2009, p. 80) diz-nos também que o método para além de nos traçar o caminho a seguir, permite-nos detetar erros e auxiliar-nos nas nossas decisões.

Neste capítulo, vamos abordar a forma como aplicámos o método científico. Explicitando, ao longo do mesmo, quais os procedimentos e técnicas que utilizámos na demanda pelos dados. Para isso, inicialmente, focar-nos-emos na metodologia adotada para a seleção da amostra. Seguidamente, aprofundaremos quais os meios utilizados a quando da recolha de dados.

3.2 Método de Abordagem ao problema

Sarmiento (2008, p. 3) diz-nos que uma investigação pode ser definida como sendo o diagnóstico das necessidades de informação e a seleção das variáveis relevantes. Sendo sobre estas últimas que vamos recolher, registar e analisar informações. Nesta investigação foram, então, utilizados, essencialmente, dois métodos para recolher essa informação, a análise documental e o método inquisitivo.

Tomámos então como base de partida desta investigação a análise documental. Apesar das PSYOPS serem uma temática bastante abordada ao longo dos tempos, surgiu a necessidade de limitar a documentação para analisar. Para tal, procurámos junto de Oficiais do Exército, cuja formação englobava a área das PSYOPS, ou que desempenharam funções nesta vertente fora de Território Nacional, que nos fornecessem documentação acerca desta temática. Esta incluía artigos científicos, bem como documentação oficial⁶⁹. Ainda relativo

⁶⁹ Entenda-se por esta documentação oficial, publicações doutrinárias, organogramas das forças em que estiveram enquadrados e anotações de conferências que presenciaram.

à análise documental, importa referir que foram realizadas pesquisas bibliográfica⁷⁰ nas bibliotecas da AM, do IESM, do Exército e na biblioteca municipal de Leiria.

O método inquisitivo⁷¹ tomou maior relevância a quando da obtenção de informação primária, particularmente através da realização de entrevistas a uma amostra previamente selecionada. Também, ao longo desta investigação, foram surgindo conversas informais com pessoas ligadas com a temática das PSYOPS da ISAF, dando-nos assim a conhecer a realidade destas operações nesse TO. Tendo, inclusive, sido estabelecido contato com um militar português que se encontra a desempenhar funções no CJPOTF.

3.3 Procedimentos e Técnicas

A nossa investigação teve início, a 16 de setembro de 2011, com uma pesquisa bibliográfica na biblioteca da AM. Adotamos como ponto de partida, durante a pesquisa bibliográfica, artigos acerca das PSYOPS e deparámo-nos, então, com o nosso primeiro problema, aquilo que Quivy e Campenhoudt (2008) designam de gula livresca ou estatística. Ou seja, a informação era tanta que surgiu dificuldade para a gerir. Sabendo que esta situação nos poderia trazer desalento e confusão de ideias, focámo-nos, então, na busca de documentação relativamente a PSYOPS desenvolvidas pela NATO ou por forças de coligação. Pese embora termos tentado, também, abranger o campo do saber da História, para enriquecer o nosso conhecimento sobre esta temática. Obtivemos, igualmente, alguns artigos importantes junto de Oficiais mais familiarizados com esta matéria.

Com o avançar deste trabalho, surgiu a necessidade de recolher informação relativamente às PSYOPS desenvolvidas no Afeganistão, perante o que considerámos que as entrevistas⁷² seriam a técnica a utilizar, por forma a obtermos informação que nos auxiliasse na demanda pela resposta às questões derivadas, por forma a conseguirmos obter uma resposta à questão central.

Após a recolha de dados, efetuámos, em consonância com Sarmiento (2008, p. 19), a análise de conteúdo. Para tal, foi utilizada a análise qualitativa, visto ser das mais pertinentes neste tipo de trabalhos, tendo em conta o tipo de amostra utilizado, assim definem Carmo e Ferreira (1988). Este tipo de análise vai originar a novidade, interesse e o valor do tema. Neste tipo de análise identificamos, nas respostas a cada uma das perguntas,

⁷⁰ “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (Gil, 1999, p. 65).

⁷¹ “Baseado no Interrogatório escrito ou oral” (Sarmiento, 2008, p. 5).

⁷² Entrevistas realizadas entre 16 e 26 de Julho, das quais nem todas foram presenciais, devido à localização geográfica de alguns dos entrevistados. Tendo em conta também que foi estabelecido sempre contato prévio com o entrevistado.

as partes semelhantes e aquelas a que os entrevistados deram mais valor (Sarmiento, 2008). Assim, foram elaborados quadros com a apresentação das respostas, quadros estes que visam reduzir o material de trabalho, permitindo o conhecimento da plenitude do discurso e auxiliar a comparação longitudinal das entrevistas (Guerra, 2006), e que, depois, deram origem a gráficos.

3.4 Entrevistas

Gil (1999), diz que a entrevista é uma técnica, na qual o investigador se coloca à frente do entrevistado e lhe faz perguntas, com objetivo de obter dados relevantes para a investigação. Gil conclui afirmando que a entrevista, não é mais do que, uma forma de diálogo assimétrico, na qual o investigador procura obter dados e o entrevistado se apresenta como uma fonte de informação. Deve iniciar-se uma entrevista pela recolha da informação demográfica (nomeadamente o nome, o cargo, o género e as habilitações literárias) sobre o entrevistado, assim como o local, a data e a hora da entrevista (Sarmiento, 2008, p. 18). No nosso caso, relativamente à informação demográfica do entrevistado vamos apenas recolher os seguintes dados: o posto, o nome, a sua função, a sua unidade, a hora e a data da entrevista.

Quivy e Campenhoudt (2008, p. 192), dizem-nos que as entrevistas devem de ser objeto de uma análise de conteúdo metódica, destinada a obter dados para dar respostas ao conhecimento de queremos desenvolver. Os mesmos autores afirmam que as entrevistas se podem classificar em entrevistas formais ou estruturadas, entrevistas semiformais ou semiestruturadas e entrevistas informais. As primeiras são o tipo de entrevistas em que o entrevistado se limita a responder às perguntas que se encontram num guião. Por sua vez, as entrevistas semiformais ou semiestruturadas, são aquelas em que o entrevistado responde às questões do guião, mas enriquece o seu conteúdo falando de outros assuntos relacionados. Já nas entrevistas informais, o entrevistado fala livremente sobre a uma temática, não existindo qualquer guião.

O tipo de entrevistas adotado para a investigação deste trabalho, foi as semiestruturadas⁷³. Na qual solicitámos aos entrevistados que respondessem de forma livre às perguntas que se encontravam no guião, mas que contribuíssem para a recolha de dados em outras matérias fora do guião. Contudo, segundo Tuckman (1994, p. 350), caso o entrevistado comece a divagar relativamente a alguma questão, o entrevistador deve de

⁷³ Ver Anexo A - Guião de Entrevista.

impedir de forma gentil. O que no nosso caso não se verificou, tendo os entrevistados respondido às questões efetuadas de forma objetiva, garantindo que eram explícitos através de exemplos.

As perguntas do guião encontravam-se direcionadas para garantir a obtenção de informação com vista a dar resposta às perguntas derivadas, assim como tinha sido referenciado supra.

No início de cada entrevista perguntámos ao entrevistado se poderíamos gravar a entrevista e no final da mesma perguntávamos se podíamos reproduzir as entrevistas em forma de apêndices e citá-las no corpo do trabalho, ao que todos anuíram.

3.4.1 Caracterização da Amostra

Segundo Quivy e Campenhoudt (2008), uma população é um conjunto social, dando como exemplo uma sociedade global, ou seja a totalidade destes elementos que constituem um determinado grupo social, é designado por população, podendo este termo designar quer um conjunto de pessoas quer de organizações. Para este trabalho a população por nós definida será o conjunto de militares portugueses que desempenharam funções no CJPOTF da ISAF.

Tuckman (1994, p. 338) defende que a amostra definida, é uma amostra da qual o investigador tem o interesse em recolher informações para que consiga produzir as suas conclusões. Mas Quivy e Campenhoudt (2008), referem que apesar de existirem vantagens na utilização de uma amostragem, esta técnica fica aquém dos objetivos pretendidos por uma investigação social. Com isto o investigador terá três caminhos possíveis para alcançar o sucesso. Primeiro, após a recolha de dados faz incidir as suas análises sobre a totalidade da população que preenchem esse requisito; segundo, limita-a a uma amostra representativa da população; ou então, por último, estuda apenas componentes muito típicas.

Postas estas três possibilidades, na nossa investigação fez-se incidir a análise sobre a totalidade da população, visto que, esta é bastante reduzida. Não existindo a necessidade de definir uma amostra restrita.

As entrevistas foram aplicadas a todos os militares do Exército Português que desempenharam funções no CJPOTF da ISAF projetado no TO do Afeganistão, desde o ano de 2007 até à atualidade. Não tendo respondido apenas um, por motivos geográficos, fruto das funções que está a desempenhar.

A quando da consulta da Tabela 1 devemos tomar em atenção que a função é relativamente às que desempenharam no TO do Afeganistão, não as funções que estão a desempenhar na atualidade, como está referenciado na entrevista.

Quadro nº 1 - Caracterização da Amostra

Nº	Posto	Nome	Função	Unidade	Data	Hora
1	Tenente-Coronel	Saraiva				
2	Major	Pais dos Santos	TAA CJPOTF	BrigRR	26/07/2012	18:35
3	Capitão	Ferreira	TAA CJPOTF	EPI	17/07/2012	17:10
4	Capitão	Lopes	PD CJPOTF	UALE	16/07/2012	09:50
5	Capitão	Rodrigues	TAA CJPOTF	CSMIE	22/07/2012	23:13
6	Capitão	Salvado	TAA CJPOTF	EPA	26/07/2012	17:30
7	Capitão	Mesquita	TAA CJPOTF	ETP	20/07/2012	17:15

3.5 Meios Utilizados

Duas das entrevistas foram realizadas de forma presencial, para tal foi utilizado um gravador de voz digital *Olympus WS-210S*, para assegurar a fiabilidade dos dados. Relativamente às entrevistas não presenciais foi utilizado o *software* de processamento de texto MS Word⁷⁴ e o correio eletrónico para enviar as entrevistas ao grupo supra caracterizado.

3.6 Síntese Conclusiva

Toda esta investigação teve como base de partida a análise documental, que se veio revelar num forte pilar para estruturarmos o nosso raciocínio. Contudo, as entrevistas vieram a tornar-se numa boa fonte de informação, porque através de testemunhos e relatos dados pelos entrevistados, conseguimos observar de que forma as PSYOPS têm vindo a ser desenvolvidas no TO do Afeganistão, trazendo, assim, dados importantes que nos deram informações úteis para a nossa investigação.

⁷⁴ Este *software* também foi utilizado para fazer o tratamento das entrevistas presenciais.

Também devemos ter em conta o porquê de não termos escolhido uma amostra restrita para a elaboração deste trabalho, visto que a população é reduzida, decidimos aplicar a nossa investigação sobre toda ela.

Por último, vamos recordar as razões da escolha do método de análise adotado, isto porque, à semelhança na escolha da amostra para efetuarmos o estudo, não nos é permitido obter dados quantitativos para que possamos efetuar um estudo estatístico. Para tal escolhemos o método de análise qualitativo, que nos vai permitir comparar respostas e chegar mais facilmente a uma conclusão.

Capítulo 4

Apresentação, Análise e Discussão dos Resultados

4.1 Introdução

Chegados, ao foco da nossa investigação, vamos então, realizar a apresentação, a análise, e a discussão dos dados que obtivemos, no decorrer do nosso trabalho de campo.

Para tal, como referido anteriormente, decidimos, efetuar entrevistas a oficiais que participaram de forma ativa no âmbito das PSYOPS da ISAF no Afeganistão. Entrevistas das quais, nos foi permitido extrair dados significativos para, que possamos dar resposta às perguntas que nos propusemos a responder, com vista a obter as conclusões, relativamente a qual tem sido o apoio das PSYOPS ao esforço das operações no TO do Afeganistão.

4.2 Apresentação dos Resultados

Agora, vamos mostrar, quais os resultados obtidos nas nossas entrevistas, estes vão se encontrar expressos nos gráficos seguintes, resultantes das tabelas construídas, tal como foi mencionado, no Capítulo 3.

4.2.1 Contribuição Portuguesa no CJPOTF da ISAF

Para sabermos, quais foram as atividades desempenhadas, pelos militares entrevistados, após perguntarmos em qual das missões da ISAF, participou o entrevistado, logo de seguida, perguntámos “quais as funções que exerceu durante a missão?”, chegando assim ao gráfico seguinte (Gráfico nº 1).

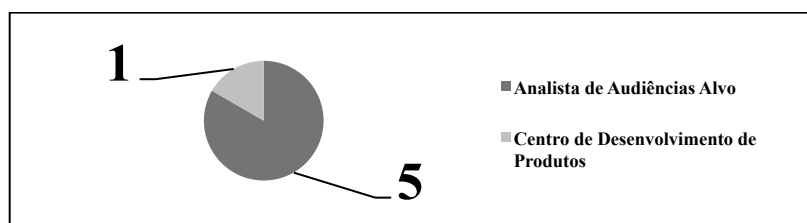


Gráfico nº 1 - Funções dos oficiais portugueses no CJPOTF da ISAF

4.2.2 Evolução da Estrutura do CJPOTF da ISAF

Através de um cruzamento entre a primeira com a terceira questão, “Em qual das missões de PSYOPS da ISAF esteve enquadrado?”, e, “Como estava organizada a ISAF,

particularmente na sua componente PSYOPS?”, respetivamente, procuramos saber de que forma é que o CJPOTF da ISAF se organizava (Gráfico nº 2). Tal como com quem é que este se relacionava, e que células, ou, secções foram incrementadas de modo a potenciar as capacidades do CJPOTF.

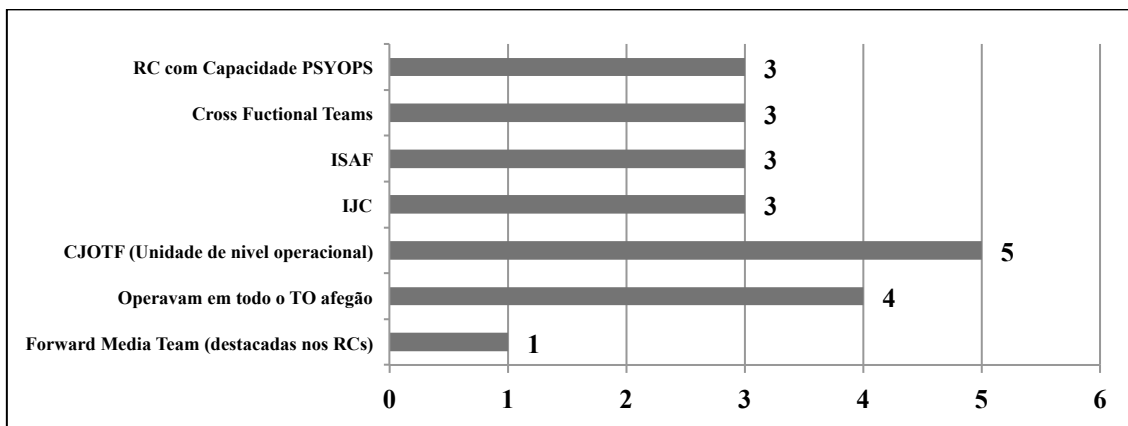


Gráfico nº 2 - Dados obtidos relativamente à orgânica da ISAF

4.2.3 Prioridades das PSYOPS da ISAF

Como toda e qualquer, operação, ou, atividade militar, também as PSYOP têm prioridades. Durante a realização da entrevista, perguntamos aos entrevistados, quais é que tinham sido as prioridades, estabelecidas pela ISAF, para as PSYOPS.. A resposta encontra-se expressa no gráfico abaixo (Gráfico nº 3).

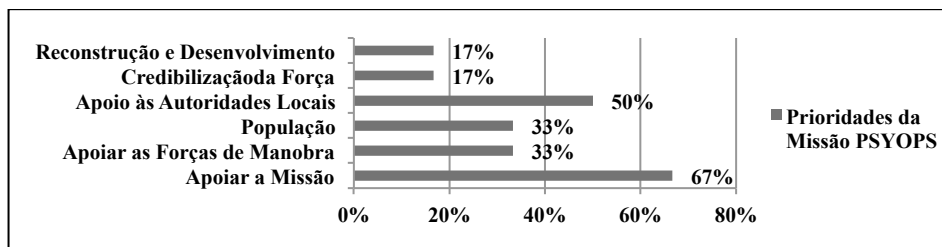


Gráfico nº 3 - Prioridades da Missão PSYOPS da ISAF

4.2.4 Atividades desenvolvidas pelas PSYOPS

Na continuidade desta investigação, procuramos saber quais as atividades, realizadas no quotidiano do CJPOTF, com o intuito de, saber de que forma estas cumprem os seus objetivos, através das tarefas desenvolvidas (Gráfico nº 4).

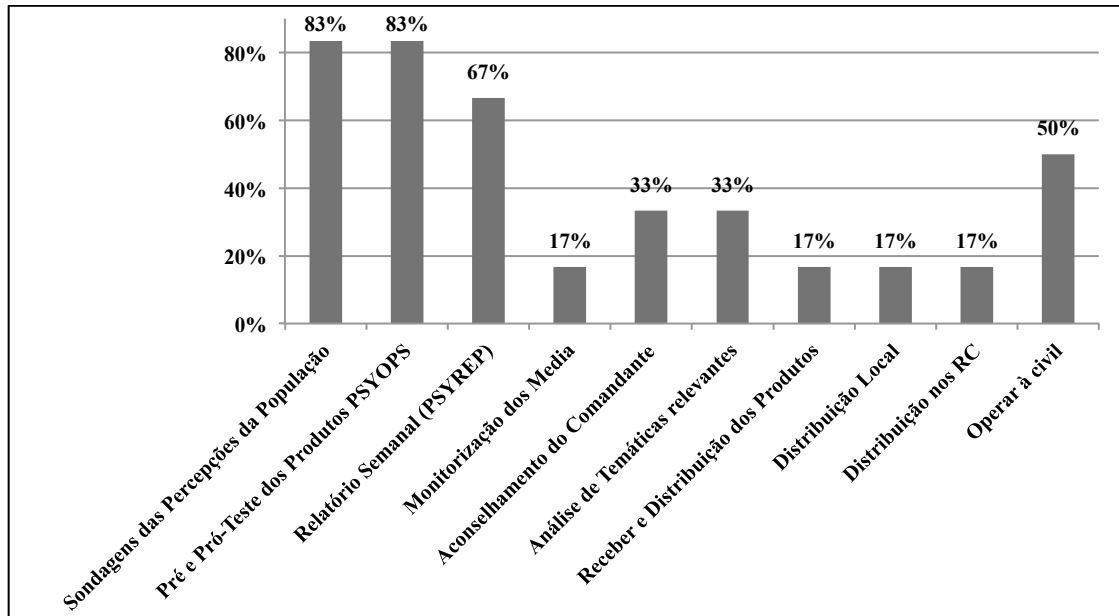


Gráfico nº 4 - Tarefas desenvolvidas pelos entrevistados no CJPOTF da ISAF

4.2.5 Meios do CJPOTF de apoio à ISAF

No decorrer da nossa investigação, surgiu a necessidade de identificar quais os meios ao dispor do CJPOTF, para apoiar a missão da ISAF. Então, questionámos os entrevistados, de modo a saber quais eram esses meios, o resultado pode ser verificado, no gráfico a seguir apresentado (Gráfico nº 5).

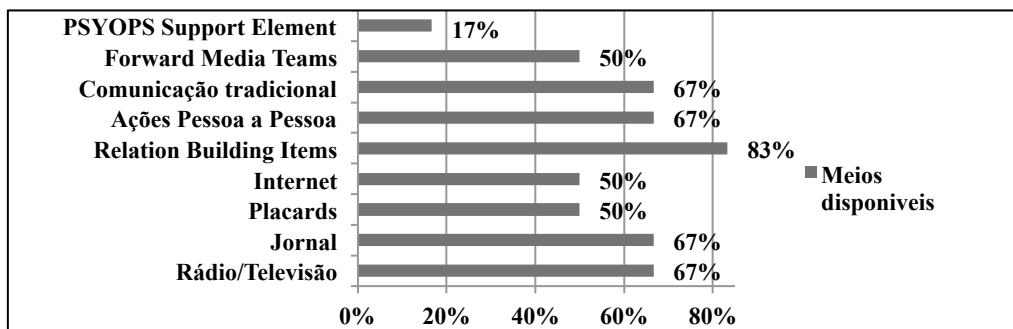


Gráfico nº 5 - Meios disponíveis para apoiar a missão da ISAF

4.2.6 Campanhas PSYOPS em que participaram os oficiais portugueses

As PSYOPS da ISAF, visam a consecução dos objetivos da mesma, para tal existiram várias campanhas, para serem alcançados esses objetivos, então no decorrer das várias entrevistas, questionamos os nossos entrevistados, em que campanhas tinham participado, durante o decorrer da sua missão no CJPOTF da ISAF.

As campanhas em que os entrevistados participaram, encontram-se expressas no seguinte gráfico (Gráfico nº 6).

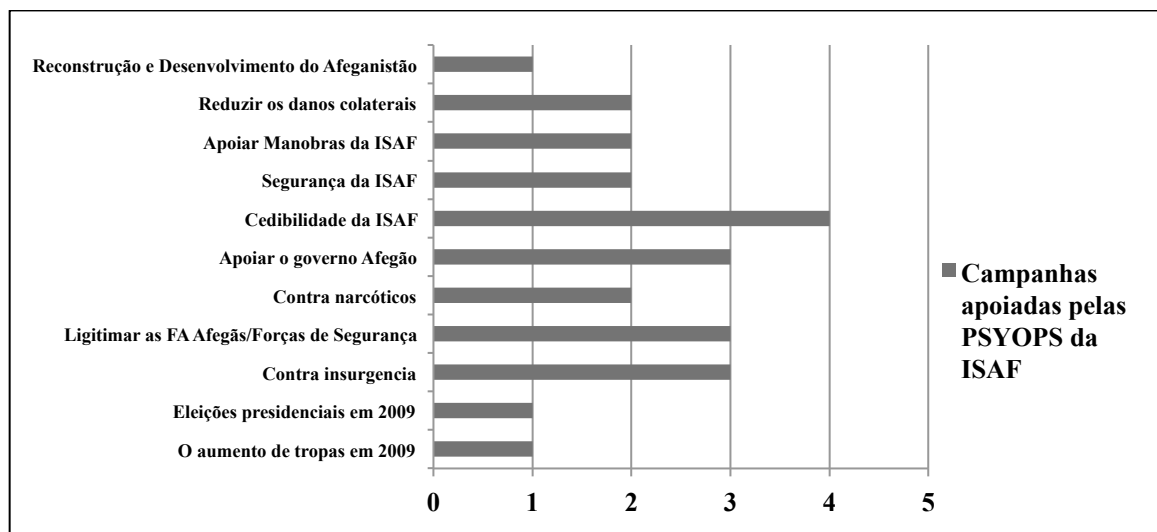


Gráfico nº 6 - Campanhas PSYOPS desenvolvidas pelo CJPOTF da ISAF

Das diversas campanhas apresentadas, são de salientar, as campanhas que visam a obtenção de credibilidade da ISAF, por ter sido considerado, uma das mais importantes, pelos entrevistados. As campanhas de apoio ao governo afegão, legitimação das FA e das forças de segurança afegãs, e de contra insurgência que contribuíam diretamente para os objetivos da ISAF no Afeganistão.

4.2.7 As limitações das PSYOPS no Afeganistão

Tal como foi referido, anteriormente, no Capítulo 2, também as PSYOPS possuem limitações. Então, para a nossa investigação procurámos saber quais eram as principais, limitações no TO do Afeganistão, como tal estas limitações vêm esplanadas no seguinte gráfico (Gráfico nº 7).

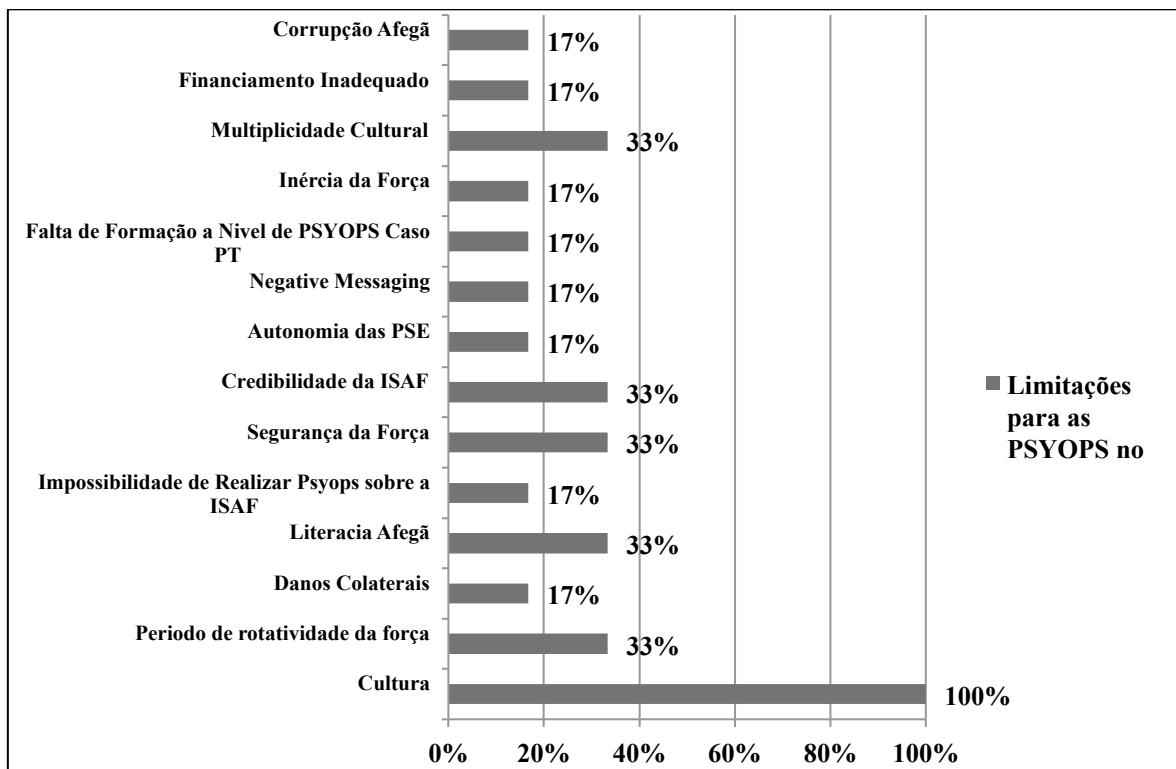


Gráfico nº 7 - Limitações das PSYOPS no Afeganistão

Como se previa, os entrevistados apresentaram várias limitações para as PSYOPS no Afeganistão. Sendo estas limitações, de nível cultural, e até mesmo, a nível das próprias forças da ISAF. Tal como nos é apresentado pelos resultados obtidos, devemos olhar com atenção, para uma das limitações mais mencionada, que foi a de nível cultural. Tendo em conta, a diversidade cultural existente no país, e a percepção das forças da ISAF acerca da cultura afegã, este aspeto deve ser abordado com especial atenção.

4.2.8 O estado final pretendido pela ISAF

Todas as operações militares, visam atingir um objetivo, de modo a obter um estado final pretendido. Desta forma, para prosseguirmos com a nossa investigação, precisamos de saber qual era o estado final pretendido, pela ISAF, no Afeganistão, a quando da participação dos entrevistados, no CJPOTF da ISAF (Gráfico nº 8).

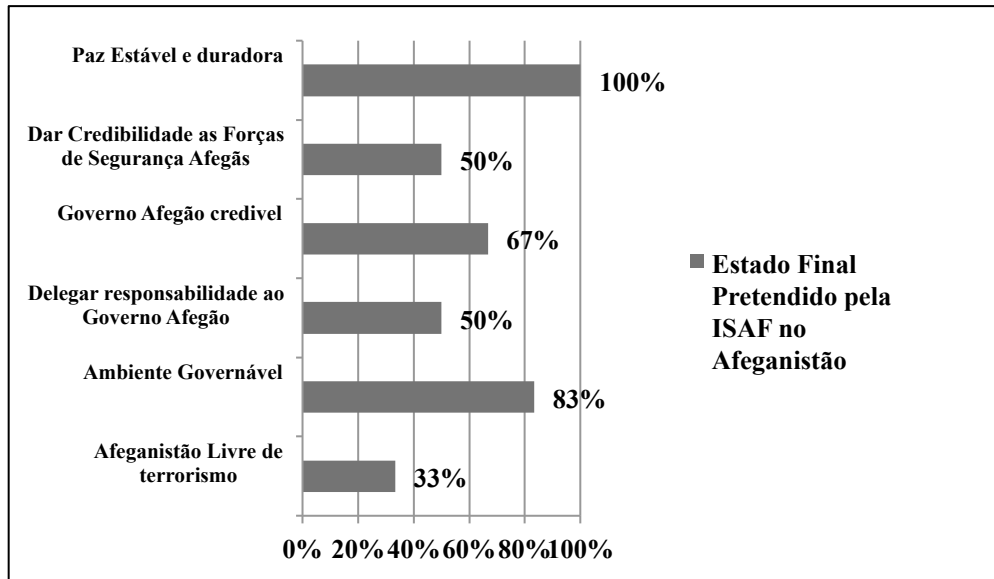


Gráfico n° 8 - Estado final pretendido para a missão da ISAF

4.2.9 O contributo das PSYOPS na missão da ISAF

Chegado, ao fundamento desta investigação, pretendemos saber quais foram os contributos das PSYOPS do CJPOTF, no âmbito da ISAF. Para tal questionamos os nossos entrevistados, acerca de quais foram os contributos que as PSYOPS deram, às forças da ISAF no cumprimento da sua missão.

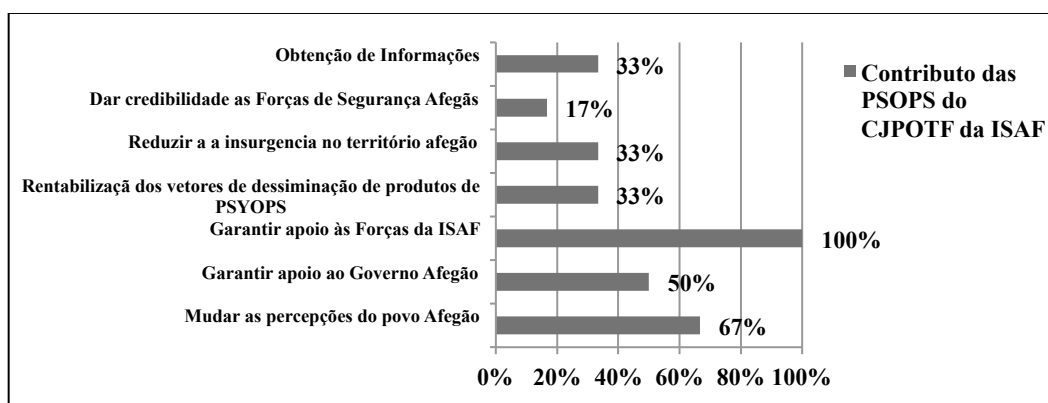


Gráfico n° 9 - Contributo das PSYOPS do CJPOTF da ISAF

Aqui conseguimos ver, que estas têm aplicado o seu esforço, por forma a garantir apoio às forças da ISAF, tendo em conta que a opinião foi unânime, em todos os entrevistados, mas não descurando outros aspetos que foram mencionados, que podem contribuir em muito para a o sucesso das forças do Afeganistão.

4.3 Análise e Discussão dos Resultados

Com base nos resultados obtidos, nas entrevistas, vamos proceder à sua comparação, tendo em conta os dados fornecidos pelos entrevistados que desempenharam funções no CJPOTF, e com o que foi apresentado no Capítulo 2.

4.3.1 O contributo português no CJPOTF da ISAF, e a mudança de dependência do CJPOTF

Comprovou-se, com o Gráfico nº 1, que maioritariamente, foram desempenhadas as funções de Analista de Audiências Alvo (TAA), do CJPOTF, correspondendo a cinco oficiais. Estes oficiais desempenharam as mais variadas funções no âmbito do TAA. No entanto, é de ressaltar também, que foi destacado um oficial para desempenhar funções, no Centro de Desenvolvimento de Produtos (PDC) do CJPOTF.

Como foi referido a quando da apresentação do Gráfico nº 2, foi realizado um cruzamento entre duas perguntas, visto que, apenas um entrevistado, referiu a passagem da dependência do CJPOTF, do *Commander of ISAF* (COMISAF), para o IJC, tendo outro entrevistado referido que, o IJC é que tinha determinadas valências para, executar certas atividades no âmbito do CJPOTF.

Relativamente à mudança de dependência, foi um dos marcos significativos de 2009, como nos explica Santos⁷⁵ (2012), dizendo que o CJPOTF tinha um relacionamento muito estrito com a *Communications Directory*, e que a TPT se encontrava inoperacional, porque os países não enviaram militares, para nesta trabalhar. É então que surge o IJC, e passando o CJPOTF a depender deste, o que levou, a que este descesse para o nível tático, sofrendo poucas alterações na sua orgânica, resumindo-se apenas ao desaparecimento da TPT, e a uma redução de efetivos. Mas, continua Santos (2012) dizendo, que o IJC organizou-se como CFT, tendo o CJPOTF enviado vários elementos para as novas estruturas.

Tal como tinha sido apresentado por Arnott (2010), o CJPOTF depende do IJC indo contra ao que está estipulado pela NATO (2007), que refere que o CJPOTF deve de ser

⁷⁵Ver Apêndice B - Quadro Resumo da Entrevista ao Major Pais dos Santos.

uma ferramenta, sempre ao alcance do comandante operacional, de uma força, neste caso garantindo-lhe aconselhamento, a nível das PSYOPS que devem ser empregues no terreno.

4.3.2 Quais têm sido as prioridades das PSYOPS no Afeganistão

A quando da análise de Gráfico nº 3, conseguimos observar que a maioria dos inquiridos referiu, que a principal prioridade do CJPOTF, é o apoio da missão da ISAF. Alguns, ainda, salientaram, que foi dado alguma ênfase, em outras prioridades que deveriam ser reforçados. Em segundo lugar, o apoio às autoridades locais, de modo a que estas, consigam credibilidade, para que a população sinta, enquadrada num país, com um ambiente estável e seguro, no qual pode trabalhar e contribuir para o desenvolvimento do Afeganistão.

Santos (2012) refere que, foi a procura de apoio para o aumento do número de militares no Afeganistão, para tal foram desenvolvidas várias campanhas, para legitimar e credibilizar as Forças Armadas Afegãs e as ANSF.

Por sua vez, Rodrigues⁷⁶ (2012), Ferreira⁷⁷ (2012) e Salvado⁷⁸ (2012), encontram-se em consonância, dizendo que as prioridades se apoiavam, sobretudo, nos programas PSYOPS, que estavam a ser desenvolvidos, Sendo exemplo os programas de credibilidade das ANSF, reconstrução e desenvolvimento, e os de boa governação. Contudo Salvado (2012), refere que as prioridades das PSYOPS variavam conforme as alturas do ano, como era o caso, das campanhas de contra narcóticos.

Isto vai de encontro ao que, a NATO (2007), diz acerca das PSYOPS, dizendo que elas devem de ser empregues, consoante a intenção do comandante e da missão que está a ser desenvolvida. Indo também de encontro, aos objetivos que apresentamos no Capítulo 2, como sendo os mais relevantes; a começar pelo, garantir o apoio de AA a forças amigas, quando o CJPOTF faz campanhas para credibilizar as FA afegãs e a ANSF; retirar a vontade das AA de combater, verifica-se quando se realizam campanhas de contrainsurgência, e, pelas campanhas de contra narcóticos, para demover a vontade do povo afegão de produzir ópio; e, garantir que as AA neutrais nos apoiem, está implícito nas campanhas de creditação da ISAF em território afegão.

⁷⁶Ver Apêndice C - Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Silva Rodrigues.

⁷⁷Ver Apêndice D - Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Pires Ferreira.

⁷⁸Ver Apêndice E - Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Duarte Salvado.

Mas, tendo em mente sempre um objetivo, que foi, mudar as percepções do povo, relativamente ao Governo do Afeganistão, de como este era legítimo e capaz de conduzir o país para um rumo estável e próspero.

4.3.3 Atividades do quotidiano do CJPOTF

Como descrito, no gráfico supra mostrado (Gráfico nº 4), parece que existem, duas tarefas às quais os entrevistados deram maior relevância, a análise de percepções da população, e o pré e pós-teste de produtos de PSYOPS. O destaque, que estas duas tarefas receberam, advém da quantidade de entrevistados que desempenhou funções no âmbito do TAA no CJPOTF, tendo em conta que foram cinco, e no PDC foi só um, então fizemos, a par do gráfico, um esquema que nos mostra quais as tarefas realizadas nestas duas células do CJPOTF⁷⁹.

As atividades desenvolvidas, pela maioria dos entrevistados, no seu quotidiano eram em tudo semelhantes, dadas as funções que desempenhavam no TAA, desde o pré-teste e o pós-teste dos produtos PSYOPS produzidos pelo CJPOTF. Pré-testes estes que eram efetuados com, amostra da população que representavam todas as classes sociais do país, com vista a assimilar as suas críticas e de que forma é que os produtos melhor, poderiam, transmitir a mensagem às AA (Salvado, 2012). Segundo Santos (2012), estes encontros com grupos alvos, realizavam-se de manhã, com um grupo alvo, e, à tarde, com outro grupo alvo diferente, o almoço era tomado na cidade de Cabul, com o intuito de serem mantidas as percepções acerca da população local.

Relativamente aos pós-testes, só eram efetuados após os produtos PSYOPS serem disseminados, perguntando às pessoas dos grupos alvos, se estas se lembravam do que tinham visto ou ouvido, e qual a mensagem que tinham entendido. Isto dava-lhes a ideia se estavam ou não, a atingir os seus objetivos (Salvado, 2012).

Rodrigues (2012) e Ferreira (2012), salientaram também, o especto da realização semanal do PSYREP, estes relatórios, iam para o *Supreme Headquarters Allied Powers, Europe* (SHAPE), de modo a obter informações importantes, para as forças da ISAF e, para futuras campanhas do CJPOTF. Referiram também, que realizavam a monitorização dos *media* locais e internacionais, análise de qualquer produto de PSYOPS que estivesse a ser elaborado para posterior divulgação e aconselhamento do Comandante com avaliações específicas.

⁷⁹ Ver Apêndice H - Atividades Desempenhadas Pelo TAA e PDC.

Deve ser referido, que o militar Português do TAA, passou a operar à civil⁸⁰. Esta nova forma de operar, por parte do TAA, revelou-se um aspeto de enorme relevância, pois tirava o peso negativo, que existia entre os locais por estes serem vistos com militares da ISAF, garantindo assim ao militar uma elevada liberdade de ação (Santos R. J., 2012).

4.3.4 Meios do CJPOTF para auxílio da ISAF

Como foi apresentado no Capítulo 2, os meios ao dispor do CJPOTF, encontram-se associados às suas células de produção de produtos PSYOPS. Variando desde panfletos, jornais e placards, produzidos pela célula de impressão do CJPOTF; a célula de produção de produtos para internet possui, um canal no *You Tube*, uma página no *Twitter*, e uma página na Internet na qual são transmitidas notícias em tempo real, em *Pashtun* e *Dhari*. Em conjunto, com a divulgação de notícias na Internet, existe uma rádio, na qual são transmitidas notícias em tempo real, nas línguas anteriormente mencionados. Notícias estas que são obtidas pelas FMT, que se encontram no terreno junto das forças de manobra. Foi também mencionado pelos entrevistados que a Televisão também tem um plano preponderante nas PSYOPS. Os *Relation Building Items*⁸¹ (RBI), são lembranças que, permitem “quebrar o gelo” com os locais e garantir a sua confiança.

Foi também mencionada a comunicação pessoa a pessoa (P2P). Este meio, não é mais do que uma conversa com os locais de uma dada região, que nos permite obter informações importantes para as PSYOPS, ou até mesmo para a ISAF. Enquanto a comunicação tradicional, consta de uma conversa, mais formal, na qual uma equipa fala com os anciãos, líderes, ou, algum membro com alguma influência, em determinada província ou região. Nesta também se obtém percepções acerca da segurança, de insurgentes, de engenhos explosivos improvisados (IED), ou até mesmo para demonstrar que a ISAF e ANSF se preocupam com a população. (Mesquita, 2012)

4.3.5 O que fizeram as PSYOPS no Afeganistão e qual o estado final pretendido pela ISAF

Relativamente às campanhas desenvolvidas pela CJPOTF da ISAF, tendo em conta as respostas dos entrevistados, todas as que foram desenvolvidas iam de encontro à missão da ISAF, tendo uma maior incidência na credibilização das forças da ISAF. Mas, segundo

⁸⁰ Considera-se este início a, julho de 2009.

⁸¹ São considerados, RBI, pequenos utensílios, que vão desde mochilas, cadernos, canetas, rádios, entre outros, distribuídos pela ISAF para conquistar o apoio da população local, e demonstrar que a ISAF está no Afeganistão para os ajudar. Ver Anexo F - Relation Building Items.

os entrevistados, existem algumas diferenças, tendo Salvado (2012), sido mais específico, dizendo que participou em campanhas de Apoio ao Governo do Afeganistão, por forma a criar um ambiente governável no Afeganistão; de Contra Narcóticos, visando diminuir a produção de ópio pelo povo afegão; campanhas de contra insurgência; reconstrução e desenvolvimento; campanhas de acreditação da ISAF; e em várias campanhas de mobilização do povo afegão para as FA afegãs e para ANSF, sendo esta última coincidente, com campanhas em participou Santos.

Lopes⁸²(2012), para além de ter falado, de uma campanha de placards, nas principais vias de comunicação do Afeganistão, para que os locais mantivessem distância das viaturas da ISAF. Participou, também, em apoio de uma operação de manobra da ISAF, no qual o principal objetivo das PSYOPS foi a preparação da operação que iria decorrer, através dos meios de disseminação de PSYOPS que dispunha, avisou a população daquela região, do que é que ia decorrer, Com o intuito de dar mais credibilidade às forças da ISAF e garantir que não ocorreriam danos colaterais prevenindo a população de que poderiam ocorrer bombardeamentos.

Por sua vez Santos (2012), referiu que participou em outras duas campanhas, que devem ser tidas em conta, visto que poderiam trazer avanços significativos para o Afeganistão. A primeira foi em agosto de 2009, a quando das eleições presidenciais afegãs, com vista à legitimação do ato, de modo a incentivar ao voto, e na importância destas eleições no Afeganistão, por forma a demover atos hostis. Outro dos acontecimentos importantes foi, já no final de 2009, quando o presidente dos EUA, Barack Obama, anunciou que os efetivos da ISAF iam aumentar, este discurso foi antecipado pelo CJPOTF da ISAF, através de sondagens para saber o que é que os locais achavam; tendo, depois com base nos dados recolhidos, desenvolvido uma campanha para garantir a aceitação por parte dos locais dos contingentes de militares recém-chegados, bem como, dos ainda em projeção.

Aqui conseguimos observar que, as PSYOPS no Afeganistão, possuem um cariz mais informativo, não trabalham tão diretamente com as forças de manobra, como nos apresenta Jones (1994), quando abordou, quais as operações que foram apoiadas pelas PSYOPS na Guerra do Golfo. Isto também devido ao fato da missão da ISAF, ter como principal objetivo a Reconstrução e Desenvolvimento (NATO, 2011), do Afeganistão.

⁸²Ver Apêndice C - Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Pires Lopes.

Como, também, podemos observar, o estado final, não variou muito desde o início da ISAF, tendo alguns entrevistados, referido outros aspetos relativamente ao estado final, mas no global podemos observar que o principal é alcançar uma paz estável e duradoura no território afegão.

4.3.6 O que as PSYOPS poderiam ter feito e como têm contribuído para a missão da ISAF

Uma das principais limitações apresentadas foi ao nível da cultura, porque nós ocidentais, não conseguimos compreender a multiculturalidade que existe no terreno, e, por vezes comportamo-nos como invasores, e é assim que o povo afegão olha para as forças da ISAF. Para tal como nos diz Santos (2012), deveríamos poder exercer PSYOPS sobre as nossas forças, de modo a que estas começassem a compreender a cultura afegã, mas tal não nos é permitido fazer, tal como é referido pela NATO (Saraiva, 2011b).

Este problema cultural, também surge a nível da produção dos produtos PSYOP, como refere Salvado (2012), porque os produtos produzidos que serviam para uma etnia, ou região do Afeganistão, poderiam já não ter a mesma interpretação, em outra região do país, devido aos graus de desenvolvimento das diferentes etnias, bem como a sua especificidade cultural.

Outra das principais limitações abordadas, foi a corrupção, diz-nos Mesquita⁸³ (2012), que diz que tendo um governo corrupto e ineficaz, muito dificilmente conseguirá garantir o apoio da população, e, isso verificou-se aquando das eleições presidenciais, onde se alegou que existiu fraude e corrupção por parte do governo afegão.

Outro dos principais problemas levantados, foi o número de baixas civis e de danos colaterais, onde vários dos entrevistados referiram, que este tipo de acontecimentos, deitam por terra todo o trabalho da ISAF, porque toda a base de confiança do povo, criada pelas PSYOPS é destruída.

Tendo em conta as limitações apresentadas anteriormente, desde o início (2004) até à atualidade as PSYOPS, deveriam já ter colmatado muitas delas.

Contudo, tendo como base os resultados apresentados no Gráfico nº 9, também podemos observar, através da comparação de respostas dadas pelos entrevistados, que estas têm um papel preponderante, na mudança de percepções do povo afegão, para que estes possam apoiar o governo afegão, que foi outro dos contributos salientados pelos entrevistados.

⁸³ Ver Apêndice G - Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Artur Mesquita.

As PSYOPS também, são consideradas pelos entrevistados, importantes para a obtenção de percepções quer para o CJPOTF poder executar o seu planeamento, quer para a ISAF saber o que sente a população acerca da sua presença no território afegão.

Outro dos contributos, que as PSYOPS têm dado à ISAF tem sido na redução da insurgência no país, ao tentar demover a vontade dos insurgentes, de se mostrarem, através de atos cinéticos espetaculares (Mesquita, 2012).

Por último podemos, afirmar que as PSYOPS, também trabalham no sentido de credibilizar as forças locais, como é o caso das FA afegãs e das ANSF, através de campanhas que visam a angariação de elementos dispostos a servir nas forças afegãs.

Capítulo 5

Conclusões

O presente TIA teve como objetivo basilar, verificar de que forma é que as PSYOPS têm contribuído para a missão da ISAF no TO do Afeganistão. Com tal objetivo, foram expostos inicialmente, os conceitos básicos das PSYOPS, desde a sua aplicabilidade ao longo da História Universal, e como evoluiu o conceito, quais são os seus principais objetivos, quais as operações que estas podem apoiar e as suas limitações. Depois apresentámos a caracterização do TO em questão, abordando as vertentes, geográficas, demográficas e política. Realizamos ainda, uma caracterização, da principal força multinacional lá destacada, a ISAF, abordando ainda quais foram as suas evoluções a nível de estrutura e de missão. Por forma a criar um quadro conceptual acerca da investigação que iríamos efetuar.

De seguida demos início à nossa investigação, no qual se verificou, que seria crucial analisar e discutir os resultados obtidos nas entrevistas, por forma a encontramos as respostas para questões apresentadas no Capítulo 1.

Então no presente capítulo vamos, dar resposta às questões que por nós foram identificadas no início da nossa investigação, começando pelas questões derivadas e logo de seguida, iremos dar resposta à questão central, por último, iremos apresentar algumas recomendações e propostas de investigação subsequente.

No início, da nossa investigação, após ser levantada a questão central, surgiu-nos logo uma questão derivada, à qual tinha de ser dada resposta (QD1- O que são, quais os objetivos e quais as atividades desenvolvidas pelas PSYOPS?). Então podemos começar por definir que PSYOPS são um conjunto de atividades planeadas, que visam influenciar as percepções das AA selecionadas e aprovadas, através da utilização de todos os meios de comunicação ao nosso dispor (posters, rádio, televisão, internet e outros). O principal objetivo destas atividades, é demover a vontade de combater às AA adversárias, conquistar o apoio das AA neutras, reforçar os laços de apoio das AA amigas e credibilização das nossas forças. As atividades desenvolvidas incluem: lançamento de panfletos, transmissões via rádio, criação de sítios na internet para divulgação de notícias, *spots* televisivos, placards, comunicação P2P e jornais. Com o intuito, sempre, de influenciar uma AA, podendo contribuir para a segurança e credibilidade da força que estão a apoiar, e até mesmo auxiliar populações que se

encontram em TO, onde estão a ser desenvolvidas Operações de Resposta à Crise (CRO).

No que diz respeito à QD2, esta interroga-nos de, como é que se enquadram as PSYOPS na ISAF? Estas encontram-se organizadas tal como vem descrito na doutrina da NATO, constituindo um CJPOTF. Este possui a sua estrutura de comando, tendo na sua dependência direta uma TAA/TES, uma equipa de apoio de distribuição de produtos e um PDC, do qual, dependem as equipas de impressão, rádio, televisão, internet, treino de pessoal da comunicação social e FMT. Contudo, segundo a NATO o CJPOTF, é um órgão de apoio ao comandante de força-tarefa combinada conjunta ao nível operacional, o que já não se verifica na ISAF, pois, o CJPOTF, tornou-se numa dependência do IJC, que opera a nível tático em todo o TO do Afeganistão.

Relativamente à QD3, esta procura saber, como contribuíram as PSYOPS, no cumprimento da missão da ISAF, no período de 2004 a 2012? Na nossa investigação, consideramos, os marcos mais significativos, as eleições presidenciais de 2009, nas quais as PSYOPS, tiveram um papel preponderante nas campanhas de incentivo aos afegãos, para votar, considerando que este seria um passo importante no Afeganistão, para a sua reconstrução e desenvolvimento como país, demovendo também a vontade dos insurgentes de qualquer ato violento contra estas campanhas. Outro dos marcos significativos, ocorreu também em 2009, já no final do ano, quando o presidente dos EUA, Barack Obama, anunciou que o número dos efetivos no Afeganistão ia aumentar, as PSYOPS trabalharam, por forma a assegurar a aceitação, por parte da população, relativamente a esta temática, antes de o discurso ser feito, e, após o discurso, a quando da chegada dos reforços de efetivos no Afeganistão.

Depois a QD4, pergunta-nos, o que podiam ter feito as PSYOPS no período 2004-2012? As PSYOPS realizaram todas as tarefas que foram atribuídas pela ISAF, por forma a alcançarem os objetivos propostos pela mesma. Contudo estas poderiam também ter auxiliado na consciencialização das forças da ISAF, relativamente à sua missão, visto que a mentalidade ocidental é incompreendida pelo povo afegão, assim como o contrário. Ai, as PSYOPS poderiam ter um papel preponderante na consciencialização das forças da ISAF, o que não é permitido pela NATO.

A QD5, questiona-nos quais as limitações das PSYOPS? Para além das supra referidas, quanto à aplicação de PSYOPS sobre as nossas forças e a restrição do uso de PSYOPS pretas, por parte da NATO, que são consideradas restrições do âmbito legal, existem mais limitações. Uma delas é a cultura pois, enquanto não conseguirmos

entender as culturas dos países onde atuamos, não vamos conseguir alcançar um dos principais objetivos das PSYOPS, que é a confiança por parte dos locais. Outra das limitações continua a ser, os danos colaterais, porque as PSYOPS podem apoiar na credibilização da força, no seio da população em geral, mas se essa força provocar danos colaterais, ou baixas civis, é em vão todo o esforço que as PSYOPS tiveram na credibilização da força, existindo assim uma discordância, entre os atos praticados e a mensagem que as PSYOPS querem transmitir.

Após serem obtidas as repostas, para as questões derivadas, temos então reunidas as condições necessárias para poder responder à nossa questão central: Como contribuem as PSYOPS para o esforço das Operações no Afeganistão?

Estas têm-se empenhado decisivamente, nos objetivos que lhe são propostos pela ISAF, através de campanhas de credibilização do governo afegão, ainda que se encontrem algumas dificuldades, nomeadamente para que este trabalhe num só sentido com vista ao desenvolvimento. Para tal têm-se realizado, também, campanhas de contra narcóticos no sentido de demover da população afegã a cultura do cultivo da papoila do ópio.

Têm realizado campanhas no sentido credibilizar, as FA do Afeganistão e ANSF, para que estas sejam aceites por parte da população, que não são corruptas e que estas trabalham, no seio da população afegã, por forma a garantir que o Afeganistão, cresça num clima de paz estável e duradoura.

Podemos também afirmar que, que as PSYOPS têm contribuído, em grande parte em prol da segurança das forças da ISAF, através das campanhas de contra insurgência, e de campanhas de credibilização da ISAF com o intuito de reduzir o número de baixas da mesma, para que cada vez haja mais nações a colaborar nesta força multinacional, e para que não sejam vistas como forças invasoras.

As PSYOPS, têm garantido o seu contributo no Afeganistão, através de quase todos os vetores, possíveis de utilizar por este tipo de atividade, desde rádio à televisão, passando ainda pela internet, através da comunicação P2P e de RBI, garantindo que as PSYOPS, consigam chegar às AA, de qualquer maneira, transmitindo a mensagem correta e pretendida.

Podemos concluir também que, no fundo, as PSYOPS constituem uma das melhores valências a nível de operações não cinéticas que o comandante pode ter ao seu dispor, que pode reduzindo o número de baixas no campo de batalha, difíceis de

justificar nos dias de hoje, comprometendo a imagem da força, quer no TO, quer nos países que cedem forças.

Recomendações e propostas de investigação subsequente

Com este trabalho procurou-se, saber de que forma é que as PSYOPS, têm contribuído no TO do Afeganistão, e abrir novos horizontes, para futuros trabalhos no âmbito das PSYOPS. Para tal devemos deixar aqui algumas das nossas recomendações e propostas.

Como primeiro aspeto, referir, que para aprofundar mais um estudo, acerca das PSYOPS no Afeganistão, será necessária credenciação para que o investigador possa aceder a informação sensível no âmbito deste tipo de operações, neste TO, dado ser um tema recente.

O segundo aspeto, propor um estudo, no qual se consiga observar, se o Exército português tem capacidade de empenhar a sua unidade de PSYOPS, através da análise de PSYOPS em TO, recentes, como o Afeganistão, ou, Iraque.

Como terceiro aspeto, propor uma abordagem de comparação, entre os contributos dados pelas PSYOPS no TO do Iraque, e o TO do Afeganistão, devido à sua aproximação temporal.

Capítulo 6

Bibliografia

- Arnott, D. (31 de agosto de 2010). Task Force Afghanistan. *Combined Joint Psychological Operations*, (pp. 1-25).
- Bowdish, R. G. (December-February de 1998-1999). Information Age Psychological Operations. *Military Review*, pp. 28-36.
- Boyd, C. D. (May-June de 2007). Army IO is PSYOPS Influencing More with Less. *Military Review*, pp. 67-75.
- Branco, C. M. (dezembro de 2008). A OTAN no Afeganistão e os Desafios de uma Organização Internacional na Contra-Subversão. *Cadernos do IDN*, pp. 15-23.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1988). *METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO: Guia para Auto-aprendizagem*. Universidade Aberta.
- David H. Sammons, J. (2004). *PSYOP and the Problem of Measure of Effectiveness (MOE) for the Combatant Commander*. Newport, RI: Naval War College.
- EME. (1998). *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África*. Lisboa: Estado-Maior do Exército.
- Filho, A. M. (julho de 2001). A Era da Informação. *Revista Espaço Adêmico*, pp. 1-2.
- Freixo, M. J. (2009). *Metodologia Científica: Fundamentos Métodos e Técnicas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gil, A. C. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: Sentidos e Formas de Uso*. Estoril: Principia Editora.
- Guilherme, J. (2011). Meios de Difusão. *9º Curso De Planeamento De Operações Psicológicas*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares.
- Jones, J. B. (july de 1994). Psychological Operations in Desert Shield, Desert Storm and Urban Freedom. *Special Warfare*.
- Jones, J. B., & Mathews, M. P. (1995). PSYOPS and the Warfighting CINC. *Join Force Quarterly*, pp. 28-33.
- Jones, S. G. (2010). *In The Graveyard of Empires: America's War in Afghanistan*. New York: Norton.
- Krulak, C. C. (january de 1999). The Strategic Corporal: Leadership in the Three Block War. *Marines Magazine*, pp. 40-52.

- Lamb, C. (2006). US Radio Ramshackle wins over Afghan locals. *The Sunday Times*.
- Linebarger, P. M. (1947). *Psychological Warfare*. New York: Duell, Sloan and Pearce.
- Long, M. (january de 1999). PSYOPS: Oldest, most effective weapon.
- Meneses, P. D. (2011). *A Participação dos Comandos na ISAF*. Dissertação de mestrado, Lisboa.
- NATO. (2009). *ISAF Regional Commands & PRT Locations*. Afeganistão: NATO.
- Paddock, A. (2010). PSYOP: On a Complete Change in Organization, Practice, and Doctrine. *Small Wars Journal*.
- Pereira, C. S. (2011). Dez Anos de Guerra no Afeganistão. *Nação e Defesa*, pp. 179-216.
- Pinto, M. D. (Outono-Inverno de 2009). Uma Avaliação da Missão da NATO no Afeganistão. *Nação e Defesa*, pp. 203-216.
- Post, J. M. (Abril de 2005). Psychological Operations and Counterterrorism. *Joint Force Quarterly*, pp. 105-110.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rashid, A. (2000). *Os Talibãs - O Islão, o Petróleo e o Novo Grande Jogo na Ásia Central*. Lisboa: Terramar.
- Sammons, D. H. (2004). *PSYOP and the Problem o Combaf Measures of Effectivness (MOE) for the Combatant Commander*. Newport, RI: Naval War College.
- Santos, J. A. (2011). Enquadramento Estratégico. *Afeganistão* (pp. 29-39). Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Saraiva, P. M. (2011a). Dsenvolvimento de Produtos. *9º Curso De Planeamento De Operações Psicológicas*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares.
- Saraiva, P. M. (2011b). Introdução às Operações Psicológicas. *9º Curso de Planeamento de Operações Psicológicas*. Lisboa: Instituto de Estudos Superiores Militares.
- Sarmiento, M. (2008). *Guia Prático sobre a Metodologia Ciêntífica para a Elaboração, Escrita e Apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertações de Mestrado e Trabalhos de Investigação Aplicada*. Lisboa: Universidade Lusíada de Lisboa.
- Sattler, J. (2008). Legal Aspects of NATO Psychological Operations. *NATO Psychological Operations* (pp. 1-49). NATO.
- Scholtes, P. R. (1988). *The Team Handbook*. Madison, WI: Joiner Associates.
- The Associated Press. (2009). French troops lead Afghan attack on Taliban. *The Seattle Times*, 50-52.

Tuckman, B. W. (1994). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Glubenkian.

Tzu, S. (2009/séc IV a.C). *A Arte da Guerra*. (L. Giles, Trad.) Lisboa: Edições Sílabo.

USA Army. (15 de Abril de 2005). Field Manual 3-05.30. *Psychological Operations*. Washington, DC, EUA: Headquarters, Department of the Army.

Publicações Doutrinárias:

Exército Português. (fevereiro de 2009). *PDE: Operações Psicológicas*. Lisboa: Estado Maior do Exército.

Exército Português. (30 de março de 2012). *Publicação doutrinária do Exército 3-00 Operações*. Lisboa: Estado Maior do Exército.

NATO. (22 de outubro de 2007). *AJP-3.10.1 Allied Joint Doctrine for Psychological Operations*. NATO.

NATO. (2012). *ACO STRATEGIC COMMUNICATIONS*. Bélgica: Supreme Headquarters Allied Powers.

Fontes Electrónicas:

CIA. (02 de junho de 2012). *Central Intelligence Agency*. Obtido em 02 de Junho de 2012, de CIA - The world Factbook: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/af.html>

Graff, P. (28 de agosto de 2009). *Abril.com*. Obtido de Comissão eleitoral do Afeganistão recebe mais de 2 mil denúncias : <http://www.abril.com.br/noticias/mundo/comissao-eleitoral-afeganistao-recebe-mais-2-mil-denuncias-511147.shtml>

Leitão, J. (20 de julho de 2012). *Mapa do Afeganistão | Viagens e Destinos de João Leitão*. Obtido em 2012 de Julho de 25, de Viagens e Destinos de João Leitão: <http://www.joaoleitao.com/viagens/wp-content/uploads/2012/05/mapa-afeganistao.jpg>

NATO. (16 de julho de 2009a). *ISAF News Release*. Obtido em 1 de Julho de 2012, de Focused District Development Program Phase One begins in Balkh Province: <http://www.nato.int/isaf/docu/pressreleases/2009/01/pr090125-076.html>

NATO. (30 de julho de 2011). *Afghanistan International Security Assistance Force*. Obtido em 4 de Julho de 2012, de History|ISAF - Afghanistan International Security Assistance Force: <http://www.isaf.nato.int/history.html>

NATO. (1 de janeiro de 2012b). *NATO - Allied Joint Force Command Brunssum | ISAF*. Obtido em 05 de Julho de 2012, de JFC Brunssum - Allied Joint Force Command Brunssum: <http://www.jfcbs.nato.int/jfcbrunssum/isaf.aspx>

Office of the Press Secretary. (1 de dezembro de 2009). *Remarks by the President in Address to the Nation on the Way Forward in Afghanistan and Pakistan*. Obtido em 29 de Maio de 2012, de The White House: <http://www.whitehouse.gov/the-press-office/remarks-president-address-nation-way-forward-afghanistan-and-pakistan>

RONNA. (2011). *Political Subdivisions*. Obtido em 2012 de Julho de 6, de Ronna – HARMONIE Web:

<https://ronna-afghan.harmonieweb.org/Pages/PoliticalSubdivisions.aspx>

Rouset, E. (23 de março de 2005). *History of PSYOPS*. Obtido em 1 de Julho de 2012, de Psy Warrior: <http://www.psywarrior.com/psyhist.html>

Entrevistas:

Ferreira, P. M. (17 de julho de 2012). O contributo das operações psicológicas em apoio às forças presentes no teatro operações do Afeganistão. (C. M. Raínho, Entrevistador)

Lopes, G. H. (16 de julho de 2012). O contributo das operações psicológicas em apoio às forças presentes no teatro operações do Afeganistão. (C. M. Raínho, Entrevistador)

Mesquita, A. (20 de julho de 2012). O contributo das operações psicológicas em apoio às forças presentes no teatro operações do Afeganistão. (C. M. Raínho, Entrevistador)

Rodrigues, H. M. (22 de julho de 2012). O contributo das operações psicológicas em apoio às forças presentes no teatro operações do Afeganistão. (C. M. Raínho, Entrevistador)

Salvado, N. M. (2012 de julho de 2012). O contributo das operações psicológicas em apoio às forças presentes no teatro operações do Afeganistão. (C. M. Raínho, Entrevistador)

Santos, R. J. (26 de julho de 2012). O contributo das operações psicológicas em apoio às forças presentes no teatro operações do Afeganistão. (C. M. Raínho, Entrevistador)

Apêndices

Apêndice A – Guião de Entrevista

ACADEMIA MILITAR



Trabalho de Investigação Aplicada

ENTREVISTA

Esta entrevista está inserida no âmbito do Trabalho de Investigação Aplicada, incluído no Tirocínio para Oficial de Infantaria da Academia Militar, subordinado ao tema “O contributo das operações psicológicas em apoio às forças presentes no teatro operações do Afeganistão”.

Posto: _____

Nome: _____

Função: _____

Unidade: _____

Data: ____/____/____ **Hora:** ____h____

1. Em qual das missões de PSYOPS da ISAF esteve enquadrado?
2. Quais as funções que exerceu durante missão?
3. Como estava organizada a ISAF, particularmente na sua componente PSYOPS?
4. A missão da ISAF já passou por várias fases, tendo diferentes prioridades para as PSYOPS. Na missão que desempenhou quais eram as prioridades das PSYOPS da ISAF?
5. Quais eram as atividades desenvolvidas pela sua (Missão/Equipa/etc.) no quotidiano?
6. Que elementos tinham ao seu dispor para apoiar as forças da ISAF?

7. Quais as principais campanhas, que apoiou enquanto integrou essa missão?
8. Quais os fatores que podem limitar as PSYOPS desenvolvidas no TO?
9. Qual era o estado final operacional desejado pela ISAF na missão em que participou?
10. De que forma as PSYOPS contribuíram para apoiar a missão da ISAF?

Obrigado pela sua colaboração.

Carlos Raínho

Asp Of AI INF

Apêndice B – Quadro Resumo da Entrevista ao Major Pais dos Santos

Quadro nº 2 - Resumo da Entrevista ao Major Pais dos Santos

Nº da Pergunta	Resumo da Resposta
1	<i>“Estive no Afeganistão em dois mil e nove, dois mil e dez.”</i>
2	<i>“Tinha funções de analista de audiências alvo na TAA / CJPOTF. Na altura era responsável pelos Focus Groups, (...), e era ainda o analista responsável pelo RC-Capital. Além de que era o senior military analyst, o que me dava algumas funções de índole logística na TAA.”</i>
3	<i>O ano de 2009, caracterizou-se pelo aparecimento do IJC. Pelo que a organização do CJPOTF sofreu algumas alterações. Antes do aparecimento do IJC: O CJPOTF dependia do comando da ISAF, tendo um relacionamento muito estrito com a Communications directory.(...) Com o advento do IJC, o CJPOT passou a pertencer a este comando, ou seja desceu um nível na cadeia de comando”. “Ficando na direta dependência do Comandante do IJC. A organização interna do CJPOTF sofreu poucas alterações, resumindo-se ao desaparecimento da Tactical PSYOPS Force (...)”. Mas, o IJC organizou-se como Cross Functional Teams (...).”</i>
4	<i>“As prioridades para as PsyOps eram o apoio às Operações da ISAF ou do IJC”. “ (...) Desenvolvemos diversas atividades no sentido de procurar apoio para o aumento do número de militares no AFG e para incentivar as pessoas a votar nas eleições presidenciais”. “ Mas, a maior parte do nosso tempo tínhamos um objetivo em mente, que era fazer as pessoas percepcionarem o Governo do Afeganistão, como sendo legítimo e capaz de conduzir o país rumo a um futuro estável e próspero.”</i>
5	<i>“Iniciávamos o dia, a com uma atualização da informação disponível, tomando principal atenção a eventuais ocorrências noturnas”. “Normalmente, tínhamos uma reunião com um grupo alvo de manhã e outro à tarde. O almoço, era tomado na cidade de Cabul, (...) para mantermos a nossa percepção da situação.” “Gostaria de salientar, que na minha missão o militar português na TAA, passou a operar à civil. O que se demonstrou de enorme valor, pois tirava o peso negativo, que havia entre os locais de serem vistos com militares da ISAF.”</i>
6	<i>“No CJPOTF tínhamos uma rádio que operava 24h por dia, em Dari e Pashtum, e que tinha cobertura na maior parte do país.” “Tínhamos ainda, um jornal de distribuição nacional, com 426.000 exemplares (...). Todas as edições eram em Dari, Pashtum e Inglês.” “Além disso, disponhamos de 226 placares distribuídos por todo o país. (...) Desenvolvíamos spots publicitários com destino às televisões locais. (...) o site sada-e azadi. Bem, como existiam páginas de igual nome no twitter e no youtube.” “Em complemento, produziámos diversos artigos, que se destinavam a ser distribuídos quando em contacto direto com a população (...) mas, havia</i>

	<p>outros artigos, denominados <i>Relation Building Items</i>.”</p> <p>“Dispúnhamos ainda da capacidade de conduzir ações de Comunicação Cara a Cara; bem, como de (...) <i>Traditional Communication</i>.”</p>
7	<p>“As principais campanhas foram a de antecipar o discurso do Presidente dos EUA a anunciar o aumento dos efetivos da ISAF. Bem como, a preparar a recepção destes militares.”</p> <p>“Desenvolvemos, ainda uma campanha com vista a apoiar as eleições presidenciais.”</p> <p>“Ao longo de todo o tempo mantivemos uma campanha destinada a legitimar as instituições afegãs, com principal incidência nas Forças Armadas.”</p>
8	<p>“O primeiro fator que limita as PsyOps no Afeganistão é a cultura”.</p> <p>“Outro assunto que sempre limitou a capacidade das PsyOps, foi as baixas civis.”</p> <p>“A iliteracia dos afegãos também limitava o nosso trabalho. Os produtos “escritos”.”</p> <p>“A impossibilidade de efetuar PsyOps sobre as nossas Forças. Isto, como é sabido é vedado pela NATO.”</p>
9	<p>“Afghanistan is free of terrorist (...) The Afghan people feel safe enough to go about their daily lives and (...) Good governance to plan for the future. Afghan security forces have preeminent control over the use of force and are able to defend Afghanistan and enforce the rule of law.”</p>
10	<p>“As PsyOps contribuíam mudando as perceções dos Afegãos no sentido de apoiarem o Governo do Afeganistão. Bem como apoiarem a ISAF, ou no mínimo não interferirem de forma negativa na sua missão. Igualmente, tentávamos levar os Insurretos a abandonarem a insurreição e a integrarem-se na sociedade afegã.”</p>

Apêndice C – Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Silva Rodrigues

Quadro nº 3 - Resumo da Entrevista ao Capitão Silva Rodrigues

Nº da Pergunta	Resumo da Resposta
1	<i>“ISAF XI (fevereiro de 2008 a agosto de 2008).”</i>
2	<i>“Analista de Audiências Alvo.”</i>
3	<i>“A ISAF tinha uma força localizada no HQ no RC-C, CJPOTF, que delineava toda a conduta nas operações psicológicas da ISAF. Incluía as FMT (Forward Media Teams) ao nível regional e uma componente de PsyOps aos diferentes níveis regionais que se ligavam com o CJPOTF em Cabul.”</i>
4	<i>“As prioridades apoiavam-se sobretudo nos programas que estavam a ser desenvolvidos: Counterinsurgency, ANA Development, Community Security & Law Enforcement, Counternarcotics, ISAF Acceptance, Reconstruction and Development e Good Governance.”</i>
5	<i>“Participação numa sondagem ao nível nacional sobre perceções com reuniões semanais com responsáveis da empresa civil responsável pela logística associada; pré-testes e pós-testes de produtos e recolha de perceções junto a diversos grupos alvo.”</i>
6	<i>“Era possível a realização de qualquer trabalho, fosse ele impresso ou divulgado pelos órgãos de comunicação social. A ISAF tinha um site na internet, programa televisivo, (...). O contato nas diversas regiões do País, fosse ele pelas FMT e/ou pelos comandos regionais de PSYOPS proporcionava uma abrangência a todo o território na disseminação das mensagens pretendidas.”</i>
7	<i>“Operação SHAMSHIR.”</i>
8	<i>“A percepção, os comportamentos e atitudes da população e diversos grupos alvo são fatores primordiais no sucesso de qualquer campanha, em qualquer TO.”</i>
9	<i>“Condições adequadas, para a contínua consolidação da estabilidade no Afeganistão sem a necessidade de uma ISAF.”</i>
10	<i>“Rentabilizar todos os meios à sua disposição e proporcionar os melhores resultados no decorrer da campanha de informação, as PSYOPS trabalharam em coordenação com todas as forças kinetic e non-kinetic, com especial relevo com Public Information (PI) e as INFO OPS, disseminando mensagens de acordo com um todo planeamento conjunto e superiormente autorizado.”</i>

Apêndice D – Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Pires Ferreira

Quadro nº 4 - Resumo da Entrevista ao Capitão Pires Ferreira

Nº da Pergunta	Resumo da Resposta
1	<i>“Estive no CJPOTF da ISAF de 23 de janeiro a 23 de julho de 2010.”</i>
2	<i>“Desempenhei as funções de analista de audiências alvo (TAA).”</i>
3	<i>“Era organizada numa componente de teatro, o CJPOTF, esta era a unidade a nível operacional de teatro, depois por região no teatro existiam as PSE, as PSYOPS Support Element, (...) mas o CJPOTF era a unidade que controlava todas as atividades de PSYOPS no Teatro de Operações do Afeganistão.”</i>
4	<i>Basicamente, era apoiar várias campanhas, eu apanhei várias, campanha de contra narcóticos, apoiei uma enorme campanha de apoio ao governo, depois uma outra campanha de apoio às Forças de Segurança Afegãs (ASF), e uma outra que era um misto de campanha direcionada ao povo afegão e que ao mesmo tempo estava direcionada para o uso da força (...).”</i>
5	<i>“O que eu fazia todos os dias, era sair à rua para testar todos os produtos PSYOPS, ou seja antes de os produtos serem aprovados, todos eles tinham de fazer um pré teste e desejavelmente um pós teste”. “De quinze em quinze dias a unidade de PSYOPS desenvolvia um PSYREP, relatório este que era enviado diretamente ao SHAPE.”</i>
6	<i>“A nível nacional desenvolvemos, anúncios comerciais para dar credibilidade à ISAF e ao governo Afegão, programas de rádio para transmitir informações atuais ao povo afegão do que se estava a passar a nível nacional, o jornal da ISAF o Sada-e Azadi, e os Billboards nas principais vias de comunicação Afegãs.”</i>
7	<i>“ (...)os programas PSYOPS têm uma duração, normalmente durante seis meses trabalham-se dois a três programas de PSYOPS, e durante o tempo que estive lá apoiei aqueles que eu já tinha dito.”</i>
8	<i>“A segurança, a própria credibilidade da força (...) a autonomia das PSE, porque estas são descentralizadas do CJPOTF (...) ou seja por vezes pode aprovar produtos que podem ir contra os objetivos que são pretendidos pelo CJPOTF (...) O Negative messaging, (...), os militares portugueses que são destacados para o Afeganistão não possuem o background necessário para desempenhar funções a nível das PSYOP, (...) Outra das limitações, a nível dos militares que destacamos, é o tempo de missão, é um período curto para as funções.”</i>
9	<i>“Estabilização do governo, criar condições para o governo trabalhar, e a irradicação das ações armadas por parte dos talibãs, ou seja era garantir a segurança, por forma a criar uma paz estável no país permitindo assim que os órgãos políticos deste tivessem capacidade para governarem por eles próprios.”</i>
10	<i>“ (...) Acredito que as PSYOPS são um elemento fundamental de apoio as forças militares, com o intuito de apoiar a ação da força e transmitir as mensagens suficientes e necessárias para que as forças neutrais nos apoiem (...)é aí que as PSYOPS devem de apostar no Afeganistão.”</i>

Apêndice E – Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Duarte Salvado

Quadro nº 5 - Resumo da Entrevista ao Capitão Duarte Salvado

Nº da Pergunta	Resumo da Resposta
1	<i>“Estive no TO desde Janeiro de 2009 a Julho de 2009.”</i>
2	<i>“Analista de Audiências Alvo, na Secção de Análise de Audiências Alvo do CPOTF.”</i>
3	<i>“O CJPOTF era a força de PSYOPS de todo o TO. Estava sedeadada no QG da ISAF. Em cada uma dos RC, havia um elemento de apoio de operações psicológicas, PSE, subordinado ao CJPOTF, e que trabalhava em prol da Força nesse sector. No fundo, era quem implementava o planeamento no terreno.”</i>
4	<i>“As prioridades variam, acima de tudo, com as alturas do ano.”</i>
5	<i>“Testar produtos (...). Estes testes eram feitos com amostras da população que representavam, ou pretendiam fazê-lo, todas as classes sociais do país.”</i> <i>“Quando regressados às instalações, analisávamos os relatórios e decidíamos, ou não, alterar o produto inicial.”</i> <i>“Fazíamos também pós-teste: algum tempo após o produto ser disseminado, perguntávamos a essas pessoas se lembravam-se do que tinham visto ou ouvido, e qual a mensagem que tinham entendido.”</i>
6	<i>“A nossa Secção era constituída por cerca de 8 a 10 pessoas. O CJPOTF era composto por cerca de 110 elementos (militares e civis, estes estrangeiros e locais).”</i>
7	<i>“Boa Governação; Narcóticos; Comunidade Segura; Contra insurgência; Reconstrução e Desenvolvimento; Aceitação da ISAF.”</i>
8	<i>“Acima de tudo a cultura, principalmente em países multiculturais e ancestrais como o Afeganistão. A multiculturalidade é um grande problema, pois um produto que serve para uma etnia, poderá não ter o mesmo efeito noutra etnia ou região do país, devido a graus de desenvolvimento económicos, e consequentemente culturais, muito díspares entre as várias regiões de um país.”</i>
9	<i>“Acabar com a instabilidade e insegurança para que a economia faça o resto – desenvolvimento económico que permita à população ter melhores condições de vida.”</i>
10	<i>“Eram consideradas, pelo Comandante da ISAF, o meio não cinético mais importante ao seu dispor.”</i>

Apêndice F – Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Pires Lopes

Quadro nº 6 - Resumo da Entrevista ao Capitão Pires Lopes

Nº da Pergunta	Resumo da Resposta
1	<i>“Estive integrado no CJPOTF de junho de 2006 a fevereiro de 2007.”</i>
2	<i>“Estive quase a desempenhar todas as funções devido à falta de pessoal, mas a minha função atribuída era Theater Manager, consistia na distribuição de todos os produtos desenvolvidos pelas PSYOPS para todo o território afegão.”</i>
3	<i>“Estava organizada numa unidade de escalão Batalhão, que era o CJPOTF, essa unidade tinha todas as missões de produzir a nível operacional os produtos PSYOPS que eram distribuídos nos Afeganistão.”</i>
4	<i>“Bem a prioridade era sempre apoiar a missão e o comando, quando havia campanhas por parte das forças de manobra, elas (PSYOPS) efetuavam um estudo no final do qual obtêm o que pretendiam das populações, ou seja, pretendiam que a população reaja de forma correta às operações desenvolvidas naquela região.”</i>
5	<i>“Basicamente, eu encontrava-me na parte da logística, não estava na parte do planeamento, portanto encontrava-me na parte de receber e distribuir os produtos, mas devido à falta de pessoal e como eu tinha carta de pesados passei a comandar uma equipa de distribuição no local.”</i>
6	<i>“A minha secção possuía dois Homens, eu e um sargento alemão, mas devido à falta de pessoal, começamos a estabelecer contacto com determinadas equipas, para servirem como o nosso “quebra-gelo”, por exemplo as equipas CIM de vários países.”</i>
7	<i>“Uma das campanhas em que participei, foi no desenvolvimento de Billboards para transmitir à população que deveriam manter uma distância de segurança das viaturas da ISAF.” <i>Houve uma outra que foi no RC West, na região de Herat, onde fiz lançamento de panfletos, de helicóptero, sobre aldeias, e comunicação face to face, com os locais.</i> <i>Fizemos outras campanhas de largada de panfletos, uma delas foi no RC South, para avisar de operações que iriam decorrer na região.”</i></i>
8	<i>“Um dos fatores é a própria inércia da força.”</i>
9	<i>“O estado final operacional por parte da ISAF sempre foi conquistar a população.”</i>
10	<i>“Tentando arranjar os produtos corretos, de modo a apoiar as populações, de a informa-los do que é que nós estávamos cá a fazer.”</i>

Apêndice G – Quadro Resumo da Entrevista ao Capitão Artur Mesquita

Quadro nº 7 - Resumo da Entrevista ao Capitão Artur Mesquita

Nº da Pergunta	Resumo da Resposta
1	<i>“De janeiro de 2011, até à atualidade.”</i>
2	<i>“Capitão, desempenhei funções de analista responsável pelo teste e avaliação dos produtos no CJPOTF na secção de TAA, a partir Mai12 estou na mesma unidade a desempenhar funções de Analista de Audiências Alvo, responsável pelas MoE e gestor do Data Warehouse (...) sou também responsável pela gestão da rede de Focus Groups (FG) (...) e pela condução, em conjunto com outros analistas, dos programas de PsyOps ao nível operacional.”</i>
3	-----
4	-----
5	<i>“Recolha e análise de informação para avaliar a evolução dos programas que estão a decorrer no teatro e determinar os efeitos dos produtos nas audiências alvo. Produzimos também as TAAWs dos programas do CJPOTF e vários documentos de análise de temáticas relevantes para as operações do CJPOTF.”</i>
6	<i>“Subcontratação de tempo de antena em televisões nacionais, radio Bayan e subcontratação de tempo de emissão de varias rádios a nível local, a Revista Sada-e Azadi com distribuição nacional, o site www.sade-e-azadi.net, a colocação de cartazes em vários pontos do país, produzimos também outros produtos que são distribuídos pelos RC com autocolantes, panfletos e os RBI. A parte de KLE, key leader engagement, não é feita pelo CJPOTF, nós apenas somos mass media.”.</i>
7	<i>Há vários programas decorrer em simultâneo a vários anos, cada programa está dividido em duas ou mais series. Cada uma tem uma audiência alvo e um efeito desejado e vetores de disseminação. Atualmente controlo a evolução de todos os nossos programas que estão a decorrer no teatro.</i>
8	<i>“A grande rotação das forças da ISAF (...); A formação inadequado com que as forças da ISAF são projectadas(...); As CIVCAS, são a principal fonte de percepções negativas da população perante a ISAF (...) Financiamento inadequado, é importante que a Comunidade Internacional, não abandone o Afeganistão novamente (...) Um GIRoA corrupto e ineficaz, que não cuida das necessidades da sua população.</i>
9	<i>“O Afeganistão é um estado soberano e independente que participa ativamente na com a CI, com uma economia sólida não dependente da ajuda internacional, a sua população vive em segurança e liberdade.</i>
10	<i>“A população em geral mantém o apoio à CI considerando-a como aliada contra os inimigos dos Afegãos.” “Claro que as operações cinéticas são importantes mas apenas moldam a situação para a operação de decisiva, que é fazer mudar as percepções. Neste teatro 20% é cinético e 80% é não cinético, ou seja influencia, percepções, informações.</i>

Apêndice H – Atividades Desempenhadas Pelo TAA e PDC

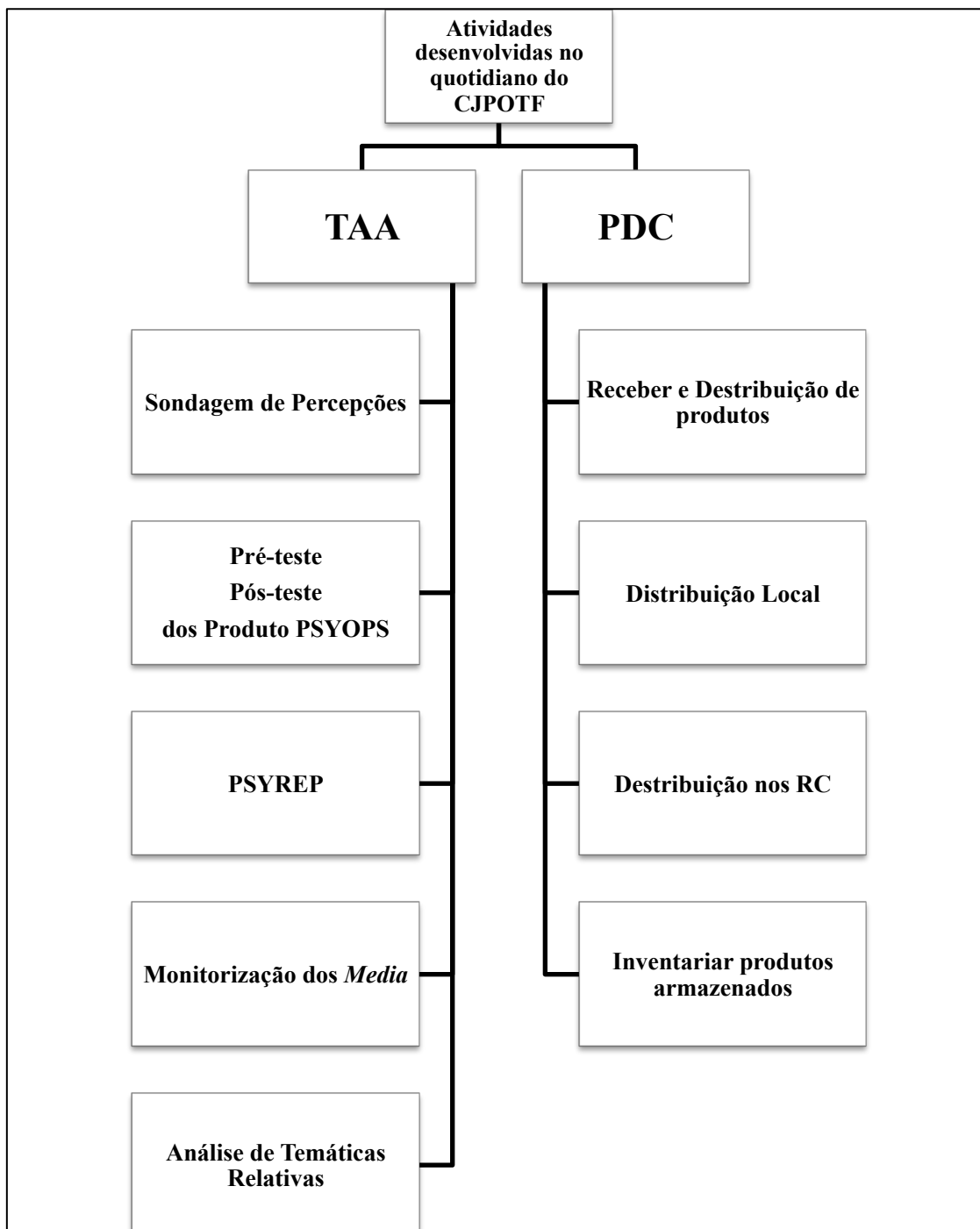
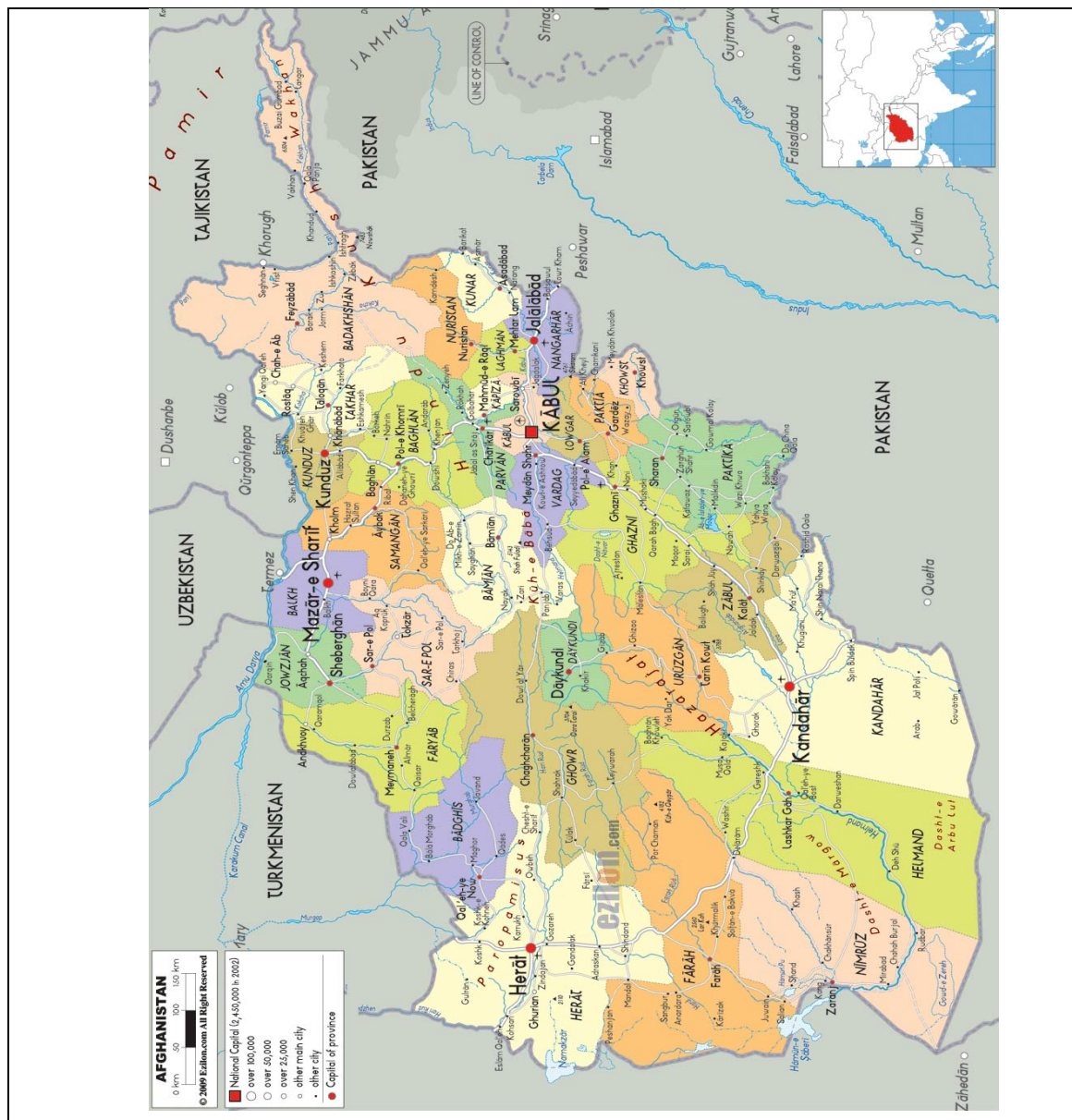


Figura nº 1- Atividades desempenhadas pelo TAA e PDC do CJPOTF

Anexos

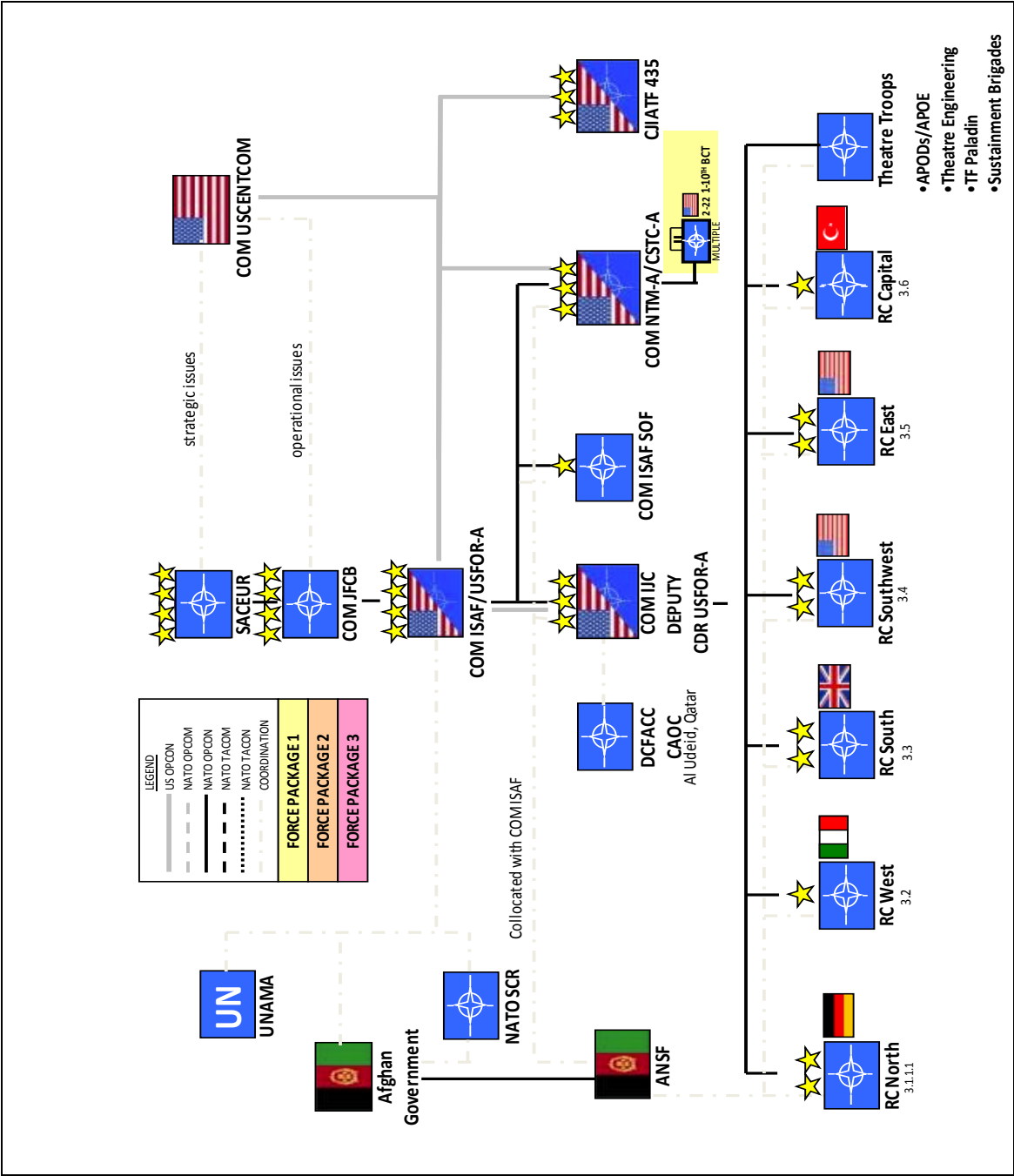
Anexo A – Subdivisão Política do Afeganistão



Fonte: Leitão (2012)

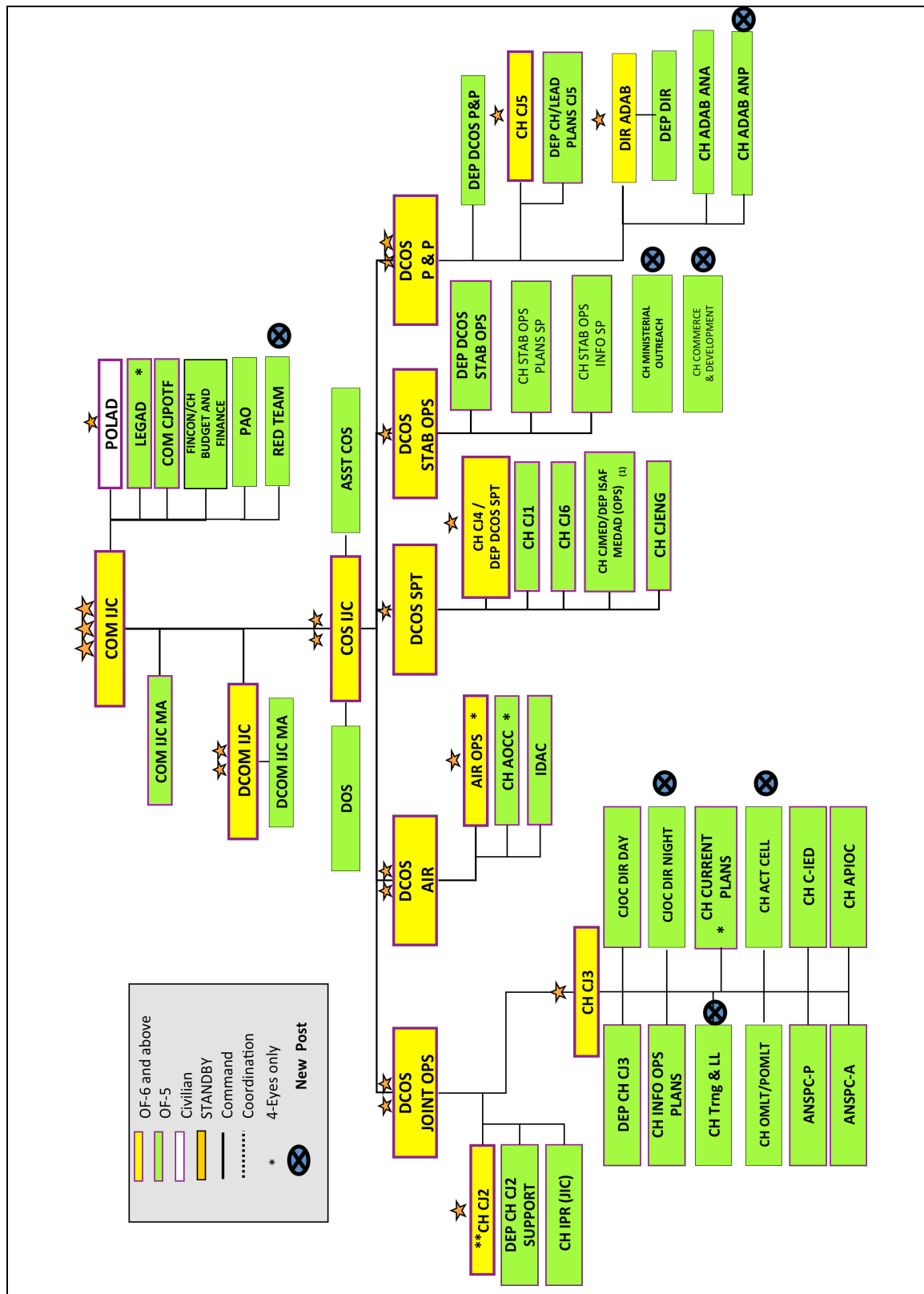
Figura nº 2 - Subdivisão Política do Afeganistão

Anexo B – Organograma da ISAF e do IJC



FONTE: Arnott (2010)

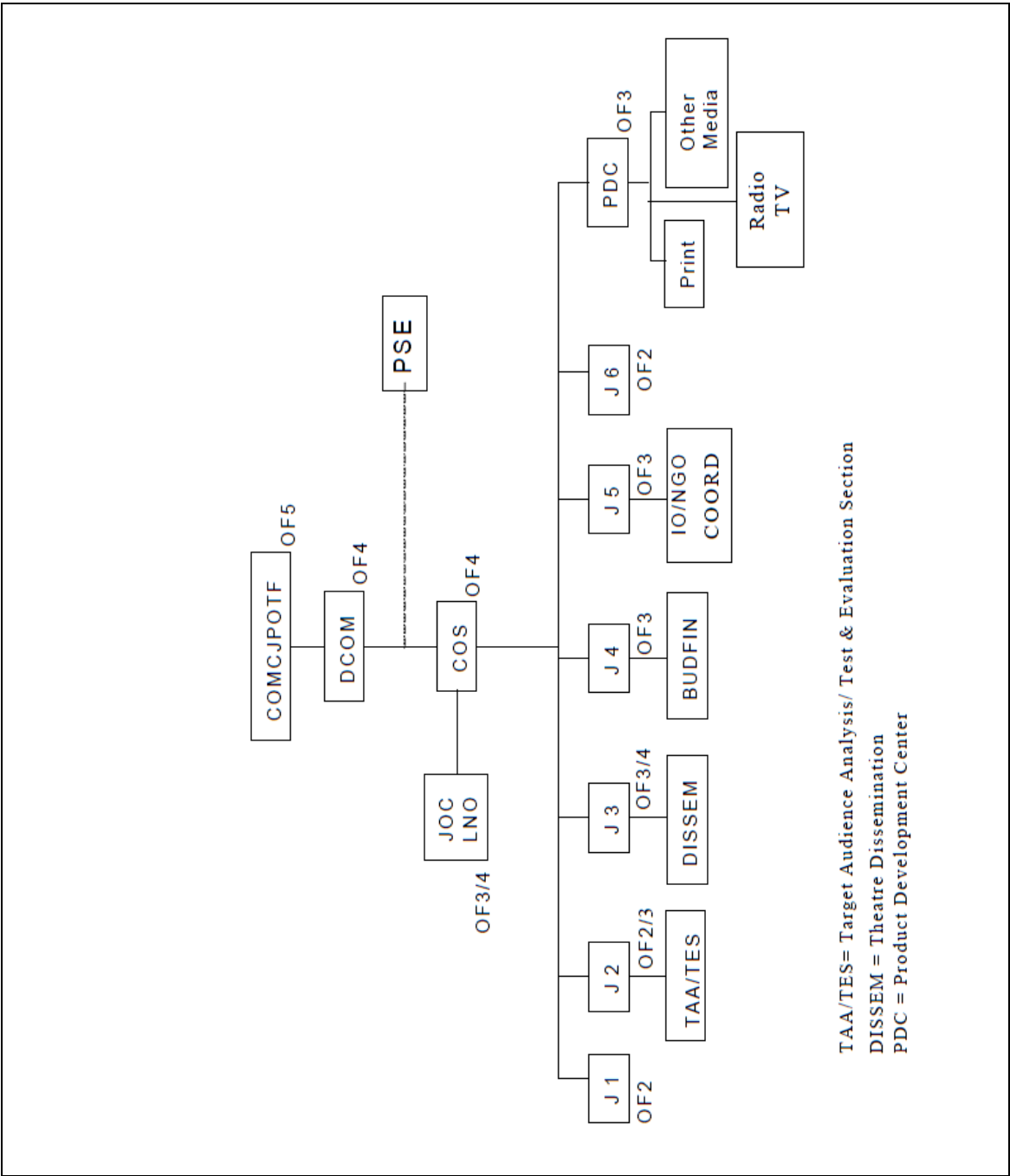
Figura nº 3 - Organograma de Comando e Controlo da ISAF



FONTE: Arnott (2010)

Figura nº 4 - Organograma do IJC da ISAF

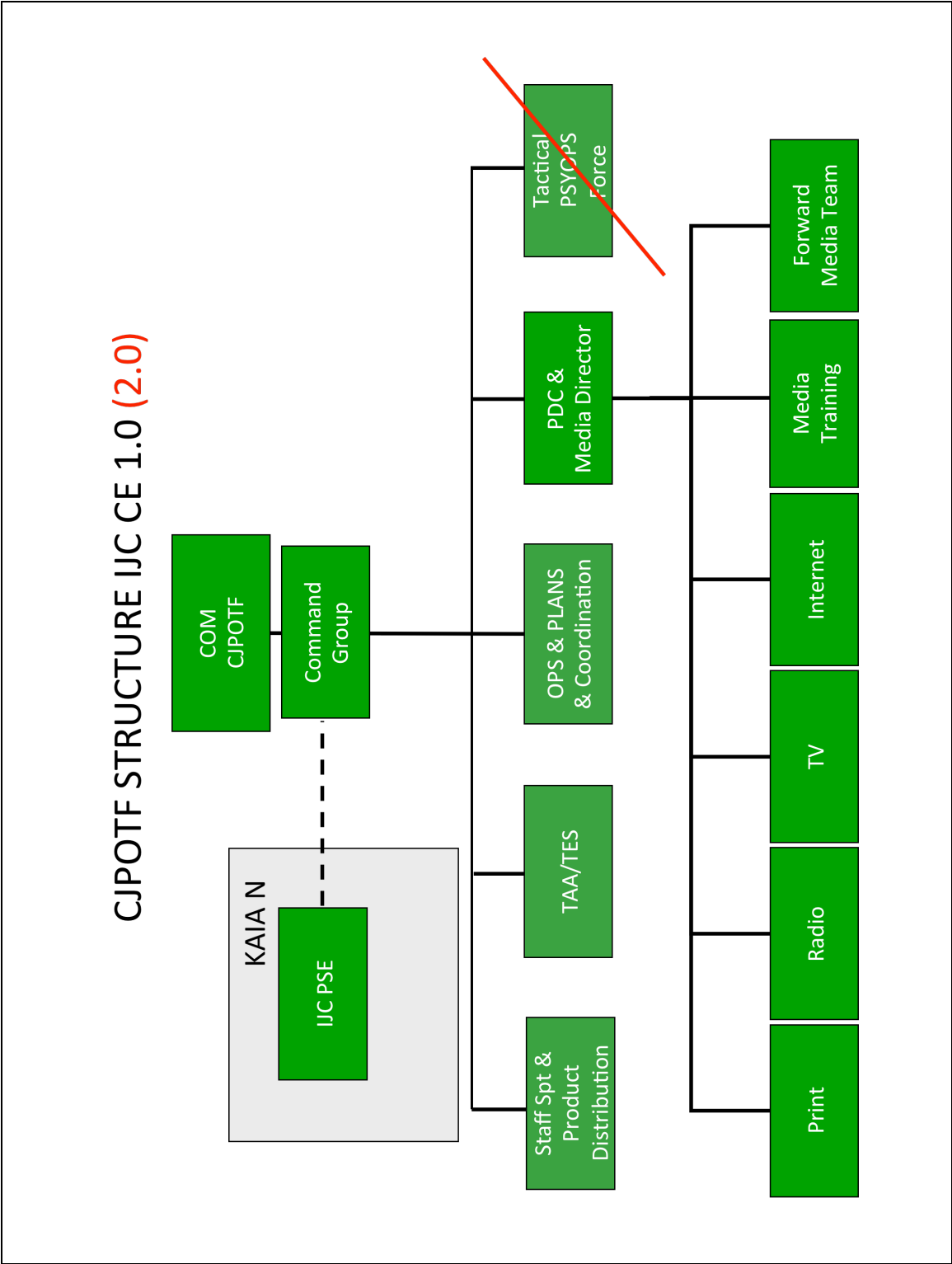
Anexo C – Organograma CJPOTF (NATO)



FONTE: NATO (2007)

Figura nº 5 - Organograma CJOPTF (NATO)

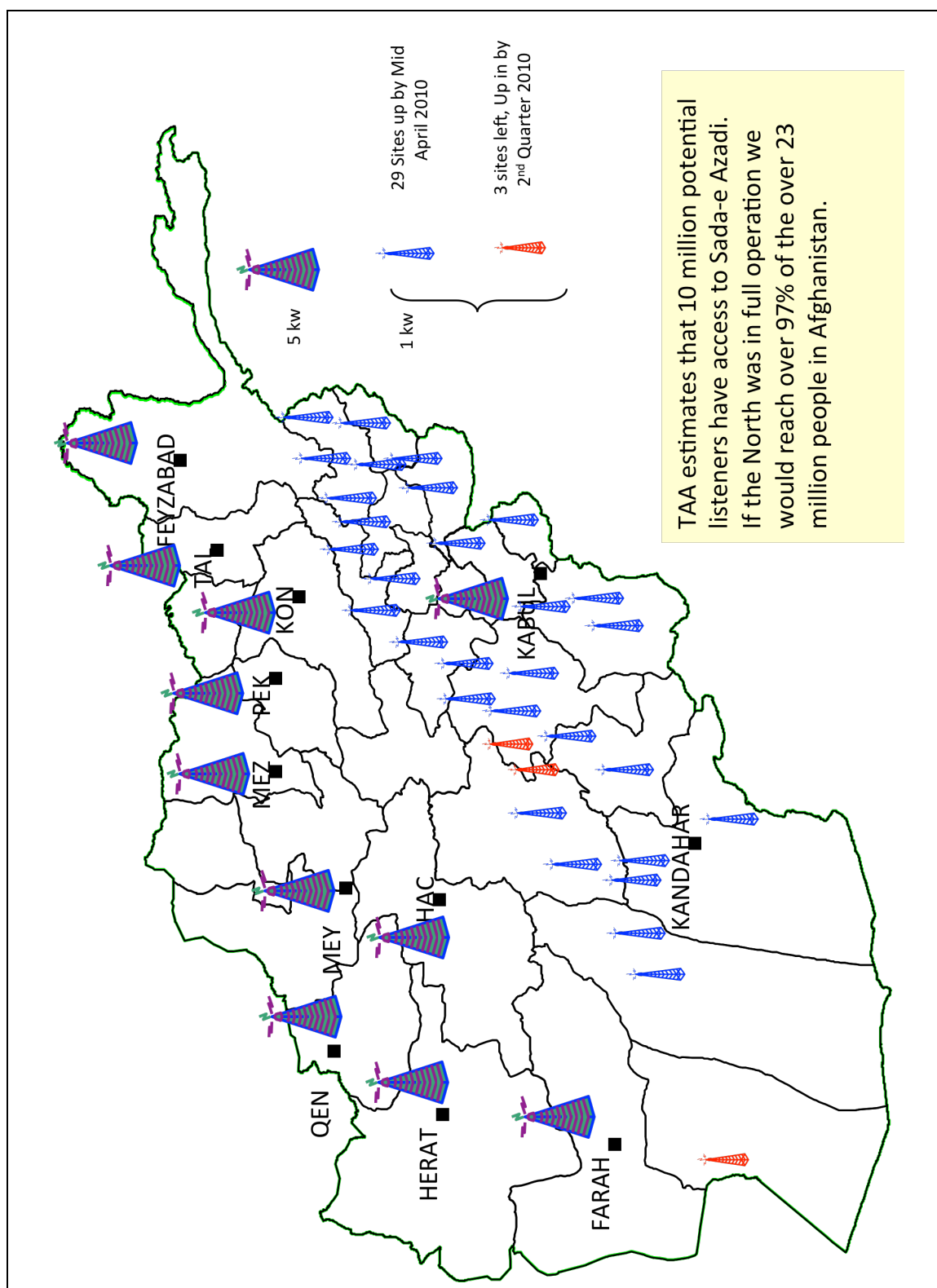
Anexo D – Organograma CJPOTF da ISAF



FONTE: Arnott (2010)

Figura nº 6 - Organograma do CJPOTF da ISAF

Anexo E – Diagrama de Transmissões da Rádio Sada-e Azadi



FONTE: Arnott (2010)

Figura nº 7 - Diagrama de Transmissões da Rádio Sada-e Azadi

Anexo F – Relation Building Items



FONTE: Gentilmente cedido pelo Capitão Pires Lopes (2012)

Figura nº 8 - Exemplos de Relation Building Items